

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

GIOVANNA SCHOLZ RODRIGUES FIORENTINI

ARTE CONTEMPORÂNEA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA:

**potências para ~~construir~~ vivermos uma escola
contemporânea inventiva**

Porto Alegre

2021

Giovanna Scholz Rodrigues Fiorentini

ARTE CONTEMPORÂNEA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA:

potências para ~~construir~~ vivermos uma escola
contemporânea-inventiva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Comissão de Graduação do Curso de Artes
Visuais – Licenciatura do Instituto de Artes da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial e obrigatório para
obtenção do título de Licenciatura em Artes
Visuais

Orientadora: Professora Dra. Aline Nunes da
Rosa

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Fiorentini, Giovanna Scholz Rodrigues
Arte contemporânea e educação inclusiva: potências
para construir vivermos uma escola contemporânea
inventiva / Giovanna Scholz Rodrigues Fiorentini. --
2021.
84 f.
Orientadora: Aline Nunes da Rosa.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto Alegre,
BR-RS, 2021.

1. Educação Inclusiva. 2. Arte Contemporânea. 3.
Diferença. 4. Ensino das Artes Visuais. 5. Escola. I.
Rosa, Aline Nunes da, orient. II. Título.

Agradecimentos

Primeiro quero agradecer à minha orientadora Aline Nunes por aceitar o convite de orientar essa pesquisa quando era apenas uma ideia de relação. Escolhi a professora que me mostrou na prática a potência de uma aula através de outras linguagens, através da imagem, da poesia, do filme, do buscar em nossa própria história, da narrativa. Ter aula com ela foi decisivo para eu enxergar como a inclusão e o respeito às diferenças podiam estar presentes de forma tão natural.

Agradeço à minha mãe e ao meu pai por ter me envolvido nessa busca pela inclusão e pelo suporte de todos esses anos. Ao meu irmão, João Vicente, que me deu todo o apoio, que leu os textos comigo e contribui com sua vivência, que me disse todo dia que estava torcendo por mim. Obrigada por acreditarem.

Agradeço às professoras que se disponibilizaram a contribuir com essa pesquisa, com seu tempo, conhecimentos e experiências. Agradeço às oportunidades que tive durante o curso de licenciatura em Artes Visuais, à Tasia Wisch que me orientou na bolsa na sala de recursos do Colégio de Aplicação e me estimulou a ler sobre educação inclusiva, me indicou leituras e uma professora para entrevistar. À bolsa das Mulheres da Computação onde conheci outra professora que pude entrevistar. Além dos aprendizados que elas me proporcionaram no decorrer do curso.

Descobri neste trabalho que eu convoco as pessoas a contribuir, ou eu tenho o privilégio de ter essas pessoas amadas à minha volta. Por isso agradeço o incentivo do Petuty para eu focar e por segurar minha mão na apresentação da pré-banca. O apoio da minha amiga e sócia de empreitadas Cecília que me ajudou a entender melhor o que era pesquisar. E às duas amigas que cresceram e crescem comigo há tanto tempo, obrigada Gabriela e Thaiana por me ajudarem a organizar minha mente.

Resumo

O trabalho a seguir apresenta a trajetória de uma pesquisa para a conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Tem como tema as potências da relação arte contemporânea e educação inclusiva para a escola contemporânea. O enfoque está na educação pública após o Plano Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, com o objeto de estudo voltado para experiências e conhecimentos que uniram arte e inclusão de algum modo. O objetivo deste trabalho é provocar a reflexão sobre a potência dessa relação e buscar quais contribuições cada área pode trazer. Analisando as práticas com a teoria pesquisada, baseada nas pesquisadoras Mara Sartoretto (2011), Débora Diniz (2007), Maria Teresa Mantoan (2002, 2011), Virgínia Kastrup (2001), Luciana Loponte (2011) e Daniele Noal (2016) e no pesquisador Fernando Cocchiarale (2006). Na conexão das vivências, aproximadas através das entrevistas com docentes, ao conteúdo percebemos o diálogo criado para a reflexão sobre desafios e possibilidades da escola no processo de se tornar inclusiva. As professoras mostram o viver na escola contemporânea, o estar inventando a suspensão do espaço e tempo. Trabalho encaminha-se no sentido de questionar: o mapa antiquado da educação está sendo seguido e imposto por quem? Deixando em aberto os possíveis caminhos a seguir. Outro aspecto relevante a ser considerado foi a escolha pela fonte *Verdana*, no tamanho 14, baseada no estudo de Fernanda Machado: *Como diagramar um Livro Acessível*. Sugere essa diagramação para melhorar a acessibilidade visual, além de outros critérios estudados para a encadernação do texto posteriormente. Pelo mesmo motivo, faço a descrição das imagens trazidas no texto.

Palavras-chave: Diferença; Educação Inclusiva; Arte Contemporânea; Ensino das Artes Visuais; Escola.

Sumário

Paisagem de Fundo	10
Trilhando os Possíveis Caminhos	16
Contextualizando as seis professoras entrevistadas:	20
Educação Inclusiva em 2020, e em 2021?	25
Processo de Inclusão nas Escolas	32
O que pode o Processo de Inclusão?	40
Arte Contemporânea e Escola Inclusiva	46
Fronteiras Ultrapassadas	53
Escola Contemporânea	60
Artistas e Experiências	72
Seguir os possíveis caminhos	74
Referências	78
Anexo I	82
Anexo II	84

Tema e problemáticas

Quais potências surgem ao relacionar os campos da arte contemporânea e da educação inclusiva na escola? Em ambas as áreas a impureza e a diferença aparecem como valores para a invenção e o aprendizado. A arte educação vem se debruçando sobre o que pode a arte contemporânea na escola: e se pensarmos relacionada à educação inclusiva? O que cada área pode contribuir para a outra e provocar a reflexão sobre uma possível escola contemporânea, foi a busca desse trabalho.

A primeira questão que surge é quais estudos já foram feitos com o objetivo de relacionar esses campos. Junto com a busca de identificar artistas ou trabalhos artísticos podem desencadear e provocar a reflexão sobre a diferença e as relações escolares.

Enfoque

A escola pública brasileira depois do Plano Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

Objeto de Estudo

Experiências e conhecimentos advindos de propostas pedagógicas que unam na prática e na teoria os dois campos.

Perspectivas e principais conceitos operatórios

Inclusão: Mara Sartoretto (2011);

Deficiência: Débora Diniz (2007);

Diferença: Maria Teresa Mantoan (2002, 2011);

Aprendizagem: Virginia Kastrup (2001);

Arte Contemporânea: Fernando Cocchiarale (2006);

Arte educação: Luciana Loponte (2011);

Escola: Cristina Antunes, Jan Masschelein e Maarten Simons (2015);

Arte e Inclusão: Virgínia Kastrup (2001) e Daniele Noal (2016).

Objetivo

Provocar a reflexão sobre o que pode uma escola contemporânea com base em experiências e teorias construídas na relação arte contemporânea e educação inclusiva.

Objetivos Específicos

Investigar bibliografia existente sobre o campo da arte contemporânea e o campo da educação inclusiva; e bibliografia que relaciona os dois campos;

Encontrar artistas e trabalhos artísticos que provoquem as relações escolares e a reflexão sobre diferença;

Entrevistar docentes envolvidas em experiências escolares que propuseram a relação entre artes visuais e educação inclusiva;

Conhecer intervenções pedagógicas com essa relação;

Refletir sobre o que cada área pode contribuir com a outra e se o papel da diferença tem relevância;

Relacionar experiências vividas com a teoria investigada.

Paisagem de Fundo

Minha trajetória de vida passa por algumas formações distintas, como o curso incompleto de ciências econômicas, e outras que complementam minha contínua formação como professora de artes, como os congressos, palestras e formações sobre Síndrome de Down, comunicação alternativa e educação inclusiva. A ideia da inclusão chegou pela busca por escolas que aceitassem meu irmão João Vicente, com Síndrome de Down, e trabalhassem com ele pensando em suas potencialidades em conjunto com a turma. Essa dificuldade movimentou minha família a cursos de formação e eventos para buscar formas de proporcionar a mim e ao meu irmão uma educação na perspectiva inclusiva. Congressos que tive o privilégio de ir a partir dos 10 anos de idade e que foram parte de minha formação em educação.

O caminho até a escolha do tema do Trabalho de Conclusão de Curso começou pelo interesse de juntar dois campos aparentemente separados, mas que me provocavam de maneira similar a vontade de expandir meu entendimento e minha prática como arte educadora. O campo da arte contemporânea e da educação inclusiva. Os fatores que me fizeram crer na relação dos dois foram:

- o olhar do senso comum sobre eles, muitas vezes de forma negativa que provoca um afastamento por conhecer pouco e não conviver em contextos que levam a reflexões sobre.

- a leitura do livro *Quem tem medo da Arte Contemporânea* de Cocchiarale que apresenta a impureza da arte contemporânea e sua capacidade de colocar a diversidade como elemento central.
- palestras que assisti, *Se o Museu fosse uma Escola* e *Devir-Docência: arte contemporânea* de Glória Jové, em que ela apresentou propostas pedagógicas baseadas em exposições de arte e elementos da cultura visual de estudantes para a aprendizagem por projetos que partem do grupo estudantil.
- palestra de Ignacio Calderón, *Educación Inclusiva, mejor para todos* que ele questiona a cartografia antiga ainda usada nas escolas para limitar até onde uma criança pode aprender ou como. E traz a questão do pensar uma escola inclusiva não é ser restrito para as crianças com deficiência, mas é para todas, é pensar uma nova estrutura da escola e das relações que se estabelecem nela.
- o conceito de Diferença de Deleuze apropriado por Maria Teresa Mantoan e Virgínia Kastrup para a educação, no caso de Mantoan como base para uma educação para a turma toda e no caso de Kastrup como base para o aprendizado inventivo.

A partir deles, busquei trabalhos que se debruçam sobre essa relação. Levantamento iniciado com os nomes Marilda

Oliveira de Oliveira (2018) e Virgínia Kastrup (2001, 2008) e com os trabalhos de conclusão de curso de Licenciatura em Artes Visuais de Débora Sukster (2018), Samira Micheli (2015) e Helena Albino (2015), entre outros presentes no Anexo I.

Pensando nessa relação na prática, ressalto uma experiência que tive na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dep. Maurício Goulart na montagem da exposição *Casa do Menino e Forma e Cor* do fotógrafo e palestrante João Vicente. A proposta de expor na sala multimídia da escola veio da professora Kátia Espíndola que trabalha na escola utilizando a fotografia para transpor barreiras de aprendizagem com as crianças com deficiência. A apresentação e a exposição foram usadas como disparadores de atividades na escola, não apenas pela professora Kátia que propôs os encontros, mas também pelo professorado de diversas disciplinas. Experiência melhor relatada durante a entrevista com a professora, os objetivos do projeto e que repercussões foram possíveis na escola. A intenção de convidar à expor, segundo a professora:

Eu sempre tô fazendo projetos através da arte, mobilização para botar em discussão a questão da deficiência e, bom, um fotógrafo com Síndrome de Down que apresenta suas fotos belamente, que vai lá, que fala, bom, mostra a potência, não mostra no lugar de coitado. Então era nesse sentido de estar pautando diferença na escola, usando a produção do João singular dele como pessoa para que as pessoas possam olhar que as pessoas com deficiência não são somente a deficiência (Kátia Espíndola)

A escola se envolveu e cada turma foi visitar a exposição, algumas já com uma proposta pedagógica, outras primeiro apenas para “deleite”. Cada professor realizou diferentes atividades, o professor de música em conjunto com a de Português fez um projeto de descrição audiovisual das imagens, inspirados pela descrição em Braille e em Português que acompanha cada foto da exposição. As turmas dos anos iniciais desenharam as formas que encontraram para identificar as geometrias no mundo.



Figura 1: Foto do acervo pessoal da exposição *Casa do Menino...*, 2018. Descrição da imagem: fotos em duas fileiras no corredor da escola acima dos bancos e abaixo das janelas da sala, ao fundo bandeiras do Estado e do Município em frente à porta da biblioteca, com mais quatro fotos da exposição ao lado. Final da descrição.

Na Figura 1, acima, vemos uma foto da exposição *Casa do Menino...* e em foco está um aluno que tinha acabado de se formar na escola e participou da palestra junto com o fotógrafo.

Rafael foi um aluno que marcou muito lá na escola. Então, o corredor que ficou as fotos do Rafael virava

point de encontro de comentários de falar 'Ah vou ligar para o Rafa' os colegas. Então, foi muito bacana mobilizou bastante coisa. (Kátia Espíndola)



Figura 2: Foto disponibilizada por Kátia Espíndola da exposição *Forma e Cor*, 2018. Descrição da imagem: foto em destaque com uma pichação escrito "nem uma a menos" em muro cinza, ao fundo a sala com outras fotos penduradas com moldura preta e cadeiras brancas junto à parede.
Final da descrição.

O projeto contou com uma palestra da artista Letícia Lampert falando sobre seu trabalho *Conhecidos de Vista*. Essa palestra contribuiu para outro projeto em andamento na escola com uma turma que iria fotografar o bairro Cel Aparício Borges para registrar sua história, parte do projeto de mestrado do professor da disciplina. A professora Kátia apresentou técnicas de como fotografar e teve o momento de diálogo com a artista.

Por inspiração dessa experiência pensei que o caminho da pesquisa seguiria por conhecer de perto os lugares mapeados, escolhendo um deles para aprofundar nas vivências de

pesquisa. Contudo, devido à pandemia do Covid-19, ou Sars-CoV-2, foi repensado esse método. A pandemia, deflagrada em 11 de março de 2020 pela Organização Mundial de Saúde, ainda persiste durante a pesquisa, escrita e apresentação deste trabalho. Apesar de já existir vacina, a média de mortes no Brasil permanece no patamar diário de mil, de acordo com reportagem do veículo de notícias G1 no dia 16 de maio de 2021.

Trilhando os Possíveis Caminhos

No desdobramento da pesquisa, os caminhos se movimentaram para muitas possibilidades, o estudo da teoria, de referenciais me instiga a ler e estudar mais, tanto sobre o conteúdo quanto sobre os métodos de pesquisa. Estudos que relacionam arte e inclusão, pesquisa de artistas e trabalhos artísticos foram organizados como coleta de dados para estudos e práticas futuras. Mas me aproximar de práticas apresenta-se como rota principal para instigar a reflexão através da própria experiência de docentes. Dois caminhos se destacam para o desenrolar dessa pesquisa: entrevista com docentes de escolas públicas para buscar experiências e pontos de vista sobre inclusão, arte e sua relação; e a possibilidade de eu propor essa experiência construindo um plano de ensino para o Estágio III do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

As leituras de metodologias passaram pela investigação baseada em artes, estudo de caso, cartografia e bricolagem. A pesquisa como bricolagem se mostrou, já no percurso da pesquisa, como o método que me orientaria melhor neste trabalho. A fim de reconstruir e exemplificar parte deste processo, trago um paralelo desse método com a concretização da decisão pelo meu tema, enfoque e objeto de estudo, deles eu tinha um esboço sem muita convicção por sentir não saber distinguir cada elemento. Recorri à construção de uma colagem desenvolvida com imagens e palavras que me remetiam ao meu interesse de pesquisa. Na falta de conseguir traduzir de

forma escrita e linear, a colagem deu base para extrair ao consciente e possibilitar minha compreensão, principalmente, do que era meu objeto de estudo, até então, muito perdido entre pensamentos. Da colagem, as reflexões foram escritas do todo e de cada conjunto de imagens criadas. Da leitura dessas reflexões compreendi o objeto que estava buscando e dei forma à introdução desse ensaio.



Figura 3: Colagem TCC (47x64cm), 2020. Acervo pessoal. Descrição da imagem: No topo temos a paisagem de fundo para um passeio

imperdível, ao lado um espaço escuro com os dizeres: relaxe, mãos à obra e como fazer. Palavra *diferença* escrita em caneta com imagem microscópica que lembra neurônios ou teias com título Linhas dos Tempos e as palavras estudo, encontro e a frase "a dose de afeto". Abaixo Shiva Nataraja¹ com tecido enrolado nele saindo para dois lados, um leva à escola e questões sobre ela e o outro leva a "parte do todo de todas as partes, faz parte" com imagens repetidas de uma mulher, seus olhos e seu rosto. Abaixo está escrito "Percepção? Ouvir para ver, linguagem corporal", com a palavra *impureza* escrita a mão. "Do que se alimenta?" questiona a frase no final da página com possíveis respostas: perguntas móveis; seguida de "Verdade é tudo uma ilusão" e o logo da UFRGS. Final da descrição.

Logo, a leitura do texto de Aline Nunes, *Sobre pesquisa como bricolagem, reflexões sobre o pesquisador como bricoleur*, me permitiu entender mais de como estava sendo meu processo de trabalho.

A bricolagem em termos de investigação deve ser entendida como criação. Criação de um processo marcado pela experimentação, pelo uso/desuso de procedimentos, pelos achados e descartes de referências, de objetos de estudo, de perguntas e objetivos... Poderia dizer que esta condição de "fazer você mesmo" um modo próprio de pesquisar é o que empreende esta abordagem metodológica. (NUNES, 2014, p. 32)

A experimentação do ser pesquisadora, de me conhecer nesse processo, de pensar uma coisa me deparar com o oposto, repensar, refletir. A mente flui na ideia, no sentir, no perceber. Tanto existe já criado e a guiar nosso saber, às vezes, parece que só o que falta é conectar, porque tanto conhecimento já há.

Foi um tempo de leituras e teorias que a orientadora e eu percebemos ter sido grande e o quão importante foi conseguir

¹ Deus hindu da dança, representação de Shiva como rei da dança cósmica da criação, preservação e destruição.

seguir, ir à campo virtual para criar corpo esse trabalho. Segui na pesquisa com as entrevistas com o intuito de ampliar as visões e questionamentos sobre o tema. Não espero encontrar respostas rígidas de certo ou errado, mas trazer elementos reflexivos baseados na prática e na experiência vivida. Colocando em perspectiva com a teoria estudada, descobrindo novas e dialogando, também, entre as diferentes visões, podendo encontrar aberturas para a construção da escola contemporânea.

Com o retorno das professoras da pré-banca de avaliação, o caminho das entrevistas se mostrou mais fértil em encontros com experiências. As possibilidades estavam em entrevistar famílias, estudantes e docentes. Se encaminhou para a realização de entrevistas com docentes por uma questão de organização do tempo. Docentes de escolas públicas, municipais e federal, das áreas de Artes Visuais e Educação Especial. As questões buscam abrir um diálogo entre as duas áreas e convidam as professoras a relatarem suas vivências e visões, a partir de seus contextos. Decidimos por não expor seus nomes e as escolas, mas sem deixar de atentar para o contexto de cada relato, fizemos uso de nomes fictícios inspirados em artistas que propõem reflexão sobre a diferença. Artistas que foram apresentadas pelas professoras que fazem parte deste processo: membros da banca, as entrevistadas, as orientadoras deste trabalho de conclusão e do estágio curricular supervisionado.

Finalizando, pergunto sobre o conceito da diferença e o papel dele na escola, como forma de entender se na prática escolar ele tem reverberação, e sobre o que surge à mente quando depara-se com o termo escola contemporânea, como gatilho para o questionamento sobre as reflexões que eu estava desenvolvendo até então. O questionário, com o propósito de ser aberto, encontra-se no Anexo II.

As entrevistas ocorreram por videoconferências entre os dias 27 de março e 17 de abril, pela plataforma do *Google Meet* e gravadas para manter o material de pesquisa durante a análise. Duraram de quarenta minutos a uma hora e trinta minutos, tempo que variou por se tratar de perguntas propositivas para uma conversa, e quando necessário outras perguntas foram acrescentadas com o intuito de aprofundar questões trazidas pelas professoras.

As professoras selecionadas seguiram um critério de indicação de pessoas que se propõem a trabalhar com arte e vivenciaram a inclusão nas escolas. A Kátia Espíndola, escolhida pela experiência relatada na *Paisagem de Fundo* para poder ampliar o entendimento do que fora, também foi entrevistada.

1. Contextualizando as seis professoras entrevistadas:

Judith² é formada em Educação Especial, licenciatura com habilitação para trabalhar com deficientes mentais em 1998, na

² Artista Judith Scott (1943-2005) norte americana com Síndrome de Down, viveu a maior parte da vida isolada e começou a produzir em 1987, desenvolvendo a escultura e tendo participado de exposições.

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Trabalhou e trabalha em escolas municipais de Porto Alegre.

Arissana³ é bacharel em Artes Visuais com ênfase em escultura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2010, seguindo a permanência na Licenciatura. Fez especialização em Atendimento Educacional Especializado voltado para Transtornos Globais de Desenvolvimento. Atua na escola municipal de Porto Alegre, mas também já trabalhou em uma escola privada.

Shoko⁴ é formada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas em 1989 pela UFRGS. Trabalha no momento com as turmas de oitavo ano, mas já teve experiência com aulas no Ensino Médio e na EJA (Educação de Jovens e Adultos), todas em instituição federal em Porto Alegre.

Rivane⁵, professora licenciada em Artes Visuais pela UFRGS em 2011. Desde 2017 trabalha em uma instituição federal de Porto Alegre com turmas de sexto e sétimo ano, antes teve experiências em escolas municipais e estaduais da cidade e de Novo Hamburgo.

³ Artista Arissana Pataxó da etnia pataxó, segunda colocada no Prêmio PIPA online de 2016, desenvolve pintura e trabalha com arte educação produzindo oficinas e materiais didáticos.

⁴ Shoko Kanazawa (1985), artista japonesa com exposição aberta em São Paulo, pratica caligrafia performática com técnica milenar e é uma das artistas oficiais das Olimpíadas de Tóquio.

⁵ Rivane Neuenschwander (1967), a artista explora a participação coletiva em seus trabalhos que falam do cotidiano, da comunicação e da relação humana.

Lygia⁶ é formada em licenciatura em Artes Visuais pela Unijuí, em processo de doutorado na UFRGS. Trabalha desde 2011 numa escola municipal de Porto Alegre, na zona sul, com os anos finais do Ensino Fundamental, no momento com 17 turmas.

Lorenza⁷ Licenciada em Artes Visuais pela UFRGS em 2014, trabalha na rede municipal de Arroio dos Ratos e também já trabalhou em outras escolas em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Todas as entrevistadas buscaram continuar sua formação após a graduação com o intuito de se especializar ou de ampliar o conhecimento, inclusive com outras áreas como Filosofia. Quatro delas, professoras de artes, fizeram o mestrado ou doutorado em arte e educação com a mesma orientadora, participando do grupo de pesquisa com enfoque na docência e arte contemporânea, na Faculdade de Educação da UFRGS. Judith fez especialização em educação também na UFRGS. Percebo assim que por mais que os contextos de trabalho delas sejam distintos, suas formações têm similaridades e a maioria tem como referência estudos que pensam a potência da escola. E, ao falarem de suas práticas e experiências, todas ressaltaram as potencialidades, trazendo as dificuldades e realidades por vezes limitantes, mas lembrando de tudo que já

⁶ Lygia Clark (1920-1988), artista conhecida muito por seus objetos que propõe envolvimento, objetos sensoriais.

⁷ Lorenza Böttner (1959-1994), a artista que teve uma exposição em sua homenagem, em 2018, "Requiem por la norma", questiona a normalidade dos corpos em desenhos, pinturas, fotografias e danças, usando muito o autorretrato.

puderam fazer nesse espaço e a capacidade dele quando as pessoas estão envolvidas para trabalhar de forma conjunta.

A transcrição foi feita a partir dos vídeos mantendo os vícios de linguagens e em formato de escrita corrida⁸. Devido às dores na articulação do pulso, usei a ferramenta de digitação por voz para transcrever, repeti em voz alta as conversas com as professoras para a ferramenta captar. Lorenza fez uma leitura de eu estar trazendo a voz das professoras para o meu corpo naquele momento. Muito me emocionei nesse percurso e novamente na análise e escrita final deste trabalho. Como foram muitas páginas de conteúdo, em diálogo com a orientadora, optamos por não anexar a transcrição na íntegra no presente trabalho e, sim, conectar alguns trechos em diálogo com as teorias estudadas.

Pude sentir a força e os sonhos que traziam, entrevistar essas professoras, que valorizam sua profissão, que amam a escola, que estão em constante busca por conhecer, me devolveu a alegria e o querer seguir a profissão e estar nesse espaço. A pandemia havia murchado em mim o sonho da docência e só tenho a agradecer essas mulheres que me ensinaram tanto em uma pequena conversa. Agradeço toda a disponibilidade e disposição de trocar, todas indicações e orientações que recebi nesses quarenta à noventa minutos.

Esse trabalho não pretende aprofundar cada complexidade e totalidade do que foi trazido pelas entrevistadas, mas espero

⁸ Com exceção de palavras que se repetem ou pronúncias que tenham sido equivocadas.

nas próximas páginas conseguir apresentar os pontos mais recorrentes e os que se mostraram tão importantes para o tema da pesquisa, relacionando com a teoria previamente estudada. Podendo, assim, propor reflexões acerca do que pode a relação da educação inclusiva com a arte contemporânea na escola.

Educação Inclusiva em 2020, e em 2021?

A conjuntura política atual nos coloca a necessidade de reafirmar os fundamentos que embasam a educação inclusiva, devido às políticas de retrocessos na educação que flexibilizam o dever da escola regular, pública ou privada, de modificar-se para receber estudantes com deficiência e o dever do Estado de proporcionar recursos para cumprir a Constituição Brasileira de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, a Convenção de Salamanca de 1994, a Declaração dos Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU de 2006, o Plano Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008, a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) de 2015. Mara Lúcia Sartoretto nos proporciona esse entendimento dividindo em três fundamentos: os filosóficos que nos dizem que “todo ser humano tem direito a viver e conviver com outros seres humanos, sem discriminação e sem segregações” (SARTORETTO, 2011, n.p.) sendo o direito de estudar um direito básico; os psicológicos que reconhecem na relação com o outro e com as diferenças a construção constante da nossa aprendizagem e identidade; e os legais (os marcos que citei anteriormente são alguns) conquistados pelo movimento social das pessoas com deficiência para assegurar o direito de ser pessoa e atribuir o dever da sociedade em eliminar barreiras. Durante o processo de pesquisa bibliográfica me deparei com um documentário de 2020 que retrata o movimento das pessoas com deficiência nos Estados Unidos, *Crip Camp:*

Revolução pela inclusão (Figura 4). Luta que se intensificou na década de 80, mesmo período em que no Brasil esse movimento também se intensificava, iniciado em 1979. Dois documentários retratam esse processo brasileiro: *Da Invisibilidade À Cidadania: Os Caminhos Da Pessoa Com Deficiência* (2014) e *História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil* (2010).



Figura 4: *Crip Camp: Revolução pela Inclusão*. Descrição da imagem: Frame retirado do documentário no *Netflix*, imagem em preto e branco do primeiro protesto do movimento, ainda com poucas pessoas, trancando uma rua. Final da descrição.

Mas por que seria um dever social a inclusão dessas pessoas? Segundo a elaboração histórica sobre o conceito de deficiência feito pela Débora Diniz (2007), o modelo social da deficiência, desenvolvido por duas ondas do movimento de pessoas com deficiência, retira da esfera biomédica o poder sobre seus corpos. A partir desse modelo, o conceito passa a

entender que a deficiência não está na pessoa e no estilo de vida dela, mas está na estrutura social opressora, na falta de acessibilidade e nas barreiras presentes no ambiente e nas atitudes. A autora apresenta a luta da segunda onda do modelo social da deficiência para trazer a questão da pessoa cuidadora e da interdependência de todo sujeito que vive em sociedade.



Figura 5: Detalhe de desenho de Julia Hayes feito durante a Palestra “Educação Inclusiva, mejor para todos” com Ignacio Calderón, em 2019.

Descrição da imagem: Fotografia de arquivo pessoal. Desenho de dois homens se olhando com uma frase entre eles: “A deficiência não está em um corpo, está, ao menos, entre dois corpos” (tradução livre do espanhol). Final da descrição.

Partindo dessa base, compreendemos a responsabilidade social na busca pela inclusão e contra a segregação e o capacitismo⁹, e a importância de políticas públicas para essa transformação. Desde o nascimento do meu irmão, em 1996, acompanhei a luta de meus pais por uma educação de qualidade e inclusiva para nós dois. Pude perceber como as

⁹ Opressão sofrida por pessoas com deficiências, discriminações como não ser aceita em vaga de emprego, ser colocada como angelical ou num lugar de exemplo de superação. Subestimando a capacidade de alguém por sua deficiência.

políticas, que foram sendo implementadas durante nossa formação escolar, foram essenciais para garantir o seu direito a estudar. No mesmo ano que foi aprovada a LBI ele ingressou no Ensino Médio em uma escola pública estadual com direito a acompanhamento do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e de mecanismos de acessibilidade durante as aulas. Mesmo com alguma falha, a intenção da escola em se propor inclusiva foi um diferencial entre tantas outras que negaram matrícula no mesmo período. Ela proporcionou a vivência em comunidade e o aprendizado sem recortes de conteúdo.

A escola especial foi o primeiro espaço a pensar o tratamento das pessoas com deficiência fora de instituições médicas, passando a um campo psicológico e pedagógico. Importância que ela teve no século XX para romper com séculos de abandono, dando um primeiro passo. Embora pedagogos e pedagogas já pensassem recursos para ensinar toda criança, como Maria Montessori na primeira década do século XX, a hegemonia dos estudos buscava formas de medir o desenvolvimento da inteligência humana e instituir um padrão que servisse à lógica econômica vigente. Na década de 1960, a educação para todos não pensou uma reestruturação da escola e do ensino, começando a ideia de fracasso escolar nas costas da criança que não se adaptava às estruturas milenares (RODRIGUES, 2008). A política de valorizar a educação fora da escola regular perdurou, apenas com a constituição de 1988 se falou do Estado como responsável pela

educação de todo indivíduo, garantindo Atendimento Educacional Especializado na escola regular, mas ainda usando a palavra “preferencialmente”.

Na década de 1990, mas principalmente a partir do anos 2000, as políticas de educação na perspectiva da educação inclusiva foram sendo implementadas em conjunto com formação de docentes e cartilhas destinadas às escolas e municípios. Encontrava-se ainda numa fase inicial de trabalho, que infelizmente antes de alcançar o que se propunha começou a ser desmobilizada nos últimos anos junto com os cortes de recursos que as escolas públicas vêm sofrendo.

Campanhas contrárias à segregação das crianças em escolas especializadas usam o tema “Mudar a escola e não mudar de escola.” Frase que chama atenção por tratar do paradigma da inclusão que vem sendo construído com o objetivo de mudar a escola, de transformá-la em um espaço que seja permitido conviver e valorizar as diferenças que toda e qualquer pessoa carrega e que seja esse lugar de construção de conhecimentos, subjetividades e afetividades. Mas mudanças de paradigmas são demoradas e requerem ampla divulgação e apoio.

Importante conhecer essa trajetória para entender o quão recente é o desenvolvimento dos Direitos Humanos e mais ainda os das Pessoas com Deficiência. As diretrizes e leis de inclusão apresentam uma ideia de formação de professores

voltada à diferença, ao entendimento de que todo e qualquer ser humano é diferente e singular e nunca estaremos preparadas para cada criança em particular, visto que cada uma terá seu estilo e ritmo de aprendizagem. Começamos, então, a pensar uma atuação com recursos e atividades diversas, num entendimento de que não temos o controle do que será aprendido, apenas temos como mudar nossa forma de ensinar e de organizar a escola. Partindo do ponto de que não aprendemos tudo que nos é proporcionado, mas sim o conteúdo que faz sentido para nós, entendendo o aprendizado individual em sua diversidade de formas.

Nas entrevistas com as professoras, todas viam as questões de inclusão na escola voltadas às diferenças como um todo. Considerando as questões de gênero, racial, social. A professora Rivane, de uma instituição federal, trouxe de forma mais objetiva sua visão de inclusão ampliada considerando que qualquer estudante tem suas especificidades e pode aprender de uma maneira diferente. Afirma a importância de estar atenta para trazer o conteúdo de diferentes formas. Assim, como afirma a professora de Educação Especial, Judith, quando fala de como tem sido importante trazer a perspectiva do Desenho Universal para Aprendizagem (DUA):

Vamos pensar na aula para ensinar sobre minhocas, tem o nome, né, anelídeos. Então, vamos pensar: Quais as formas de apresentar isso? Tu vai falar sobre a minhoca? Tu vai levar uma minhoca? Tem minhocário na escola e vamos ter um vídeo sobre a minhoca? Já amplia teu planejamento, né. Então, existem várias

formas de apresentar um conteúdo, as formas de pensar como é que tu vai engajar a turma. E aí, para isso, tu precisa conhecer os seus alunos. E várias formas de avaliar, vai ser um desenho de minhoca que tu vai ver o que ele aprendeu, vai ser falando sobre minhoca, vai ser uma fotografia da minhoca, vai ser uma a massinha feita uma minhoca de massinha? Todas as formas de demonstrar conhecimento tem que ser aceita dentro da escola. (Judith)

O desenho universal, apresentado na Lei Brasileira de Inclusão como estratégias para aplicação da lei, define “concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou projeto específico” (BRASIL, 2016, p. 20). Trazendo para a educação, a intenção é pensar na concepção do Projeto de Ensino com diversas formas de apresentar um conteúdo e estar aberto a diferentes modos de retornos, como abordado anteriormente pela Judith.

Processo de Inclusão nas Escolas

E como está sendo o processo de inclusão nas escolas? Essa foi a primeira pergunta da entrevista e as professoras relataram como ocorria desde a chegada de estudantes com deficiência na escola, para realizar a matrícula, e como ocorria dentro das aulas. O processo das documentações e laudos e o processo de acolhimento.

O relato da Judith, especializada em Educação Especial, deu enfoque maior ao papel dessa profissional na escola, trazendo detalhes de sua atuação e o histórico da política de educação inclusiva nas escolas municipais de Porto Alegre. As professoras de artes chamaram atenção para a relação com a professora da Sala de Integração e Recursos (SIR), como é chamado nas escolas municipais, ou com as professoras da Educação Especial, no caso da instituição federal, contando com uma equipe.

Porto Alegre vem pensando a educação inclusiva há aproximadamente 25 anos¹⁰ e tem um trabalho para acolher estudantes com deficiência. O que começou antes mesmo da legislação de 2008, da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, a cidade já tinha sala de recursos, “então o que eu vou te falar não é o funcionamento

¹⁰ Como apresenta Aline de Souza em seu Trabalho de Conclusão de Curso: SOUZA, Aline Coutinho de. **Trajetória da educação inclusiva na rede municipal de ensino de Porto Alegre: territórios de conquistas, possibilidades e resistências**. Orientador: GIORDANI, Liliane Ferrari. 2017. Trabalho de Conclusão de Graduação. Curso de Pedagogia: Licenciatura. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/165932>>. Acesso em: 16/05/2021.

da minha escola, mas é um funcionamento que existe enquanto uma rede”. E assim continua o relato do ponto de vista da professora Judith:

Então a secretária acolhe matrícula, encaminha a família para orientação e supervisão pedagógica, conversam e agendam uma reunião comigo, junto com a equipe diretiva. Que a pessoa do Atendimento Educacional Especializado tem que estar numa relação de amor com a equipe diretiva para inclusão na escola funcionar, porque a inclusão não é feita pelo AEE, profissional do AEE sozinho a coisa não rola, o AEE tem que mobilizar as forças. Então eu acolho a família, faço a entrevista inicial, conheço o estudante, visito a turma desse estudante para fazer observação de como é que está a interação, de qual é que são as necessidades, qual que são as barreiras da sala de aula. Faço reunião com os professores e a gente junto, professores, monitores, estagiários, equipe, a gente constrói um plano de atendimento individual que é o PDI, pode chamar plano de Atendimento Educacional Especializado, plano de ensino individualizado, que é um documento que vai nortear as ações que a gente vai priorizar pra cada momento com aquele aluno. A partir da construção desse planejamento, na prefeitura, eu tenho modalidade de atendimento no contraturno na sala de recursos, existe o educador especial que faz o AEE, que tem uma sala que fica concentrado os recursos e no contraturno duas vezes por semana nós fazemos os atendimentos individuais com aluno ou pequenos grupos, no máximo até 3, porém esse é o modelo da política nacional lá de 2008 que tem que ser revisada, que o Bolsonaro tentou revisar e tu sabe o que aconteceu, né, era acabar com o pouco que a gente tinha. Mas na verdade me parece que em Porto Alegre era essa a discussão que a gente queria colocar, mas não sei se vamos conseguir, de que trabalhar só no contraturno com esse aluno, como é que tu vai dar conta de um monte de questões em duas horas no contraturno? Tu atendendo 25 alunos no contraturno qual é o horário que tu vai ter pra conversar com o professor, para participar do planejamento, estar dentro de sala de aula, às vezes, fazendo um trabalho colaborativo. Então isso engessa o nosso trabalho na

rede municipal, fazer esse contraturno há 25 anos atrás era altamente inovador, porém agora a gente viu qual é a grande questão da inclusão: é os professores, pelo menos o município, "ah não sei direito o que vou fazer" e o AEE tem que estar junto desse professor para mobilizá-lo, instruí-lo, professor não é super herói. (Judith)

De modo geral, quando a criança chega na escola é matriculada, tem um acompanhamento da professora especializada em Educação Especial que busca conhecer a criança, a família, o contexto dela. Algumas escolas precisam do laudo, como no caso das escolas municipais, mas, principalmente, as professoras que trabalham com educação infantil relataram que quando observam a necessidade de um acompanhamento de alguma criança sem laudo avisam a professora especializada e supervisão pedagógica que busca informações com a família ou responsáveis.

A relação das famílias, comunidade escolar e a escola foi muito trazida pelas professoras e, por ser um interesse relatado nos *Possíveis Caminhos*, eu perguntava mais sobre. Algo que percebi em todas as escolas é o relato de que quando a família tem condições de se envolver e acompanhar mais de perto, reflete positivamente na inclusão. Quando não se cria esse laço, por questões sociais, econômicas, entre outras, se torna mais complexa a busca por informações que ajudariam a entender melhor as necessidades e as potencialidades do e da estudante.

Na experiência com a exposição *Forma e Cor*, um estudante com Síndrome de Down foi chamado para ser o

fotógrafo do evento, a mãe se envolveu muito, criou camisetas para ela e o filho e assistiu com ele as palestras. Em outro caso, de um menino em situação de vulnerabilidade social, a demora para conseguir informações com responsáveis, conhecer as barreiras que a criança enfrenta e suas necessidades levou a uma grande dificuldade de incluí-lo. Como relata Lorenza sobre a criança e a dificuldade em sala de aula, "aí falta para gente informação, assim, do que fazer. Quando tem um amparo da escola e mais um amparo da família, beleza a gente consegue fazer".

Outra questão é a atuação de monitoras e monitores em sala de aula, acompanhando estudantes público alvo do Atendimento Educacional Especializado. Três experiências me colocaram a refletir, três contextos de realidades diferentes, como deve ser a atuação em sala de aula.

A primeira foi relatada pela Rivane, havia uma equipe com três professoras com formação em Educação Especial com apoio de bolsistas e monitoras(es), o que possibilita maior participação em sala de aula, nas reuniões de professores(as), na formação continuada. A turma como um todo acabava se envolvendo com as profissionais e o(a) monitor(a) dentro da sala de aula tinha um papel de aproximação da criança ou adolescente com a turma.

A escola que eu trabalho tem um contexto, eu acho que a gente pode dizer que é privilegiado em relação a outras escolas, né. A gente tem uma equipe atualmente com três professoras de Educação Especial com essa

formação. Então, a gente tem um suporte direto, a gente tem uma delas que atua em conversa com a gente na equipe o tempo inteiro, que tá em todas as reuniões de professor, que acompanha esse estudante desde o ingresso lá no primeiro ano ou se ele entrou depois a gente consegue ter um histórico e tem um suporte. Essa professora, inclusive, ela não só orienta o que a gente vai fazer em sala, mas muitas vezes ela está em sala junto ou o monitor tá em sala junto que faz toda a diferença, né. Conversa antes, participa da proposta, ajuda na adaptação, se necessária, orienta a gente como no manejo quando necessário ou dá um toque. (Rivane)

Outra realidade foi relatada por Arissana, professora de uma escola municipal:

[...] claro que esse aluno força a escola a se preparar, mas tem muitos casos que acaba essa criança sendo um bode expiatório no sentido de fazer a escola se modificar, né. E aí ele sofre pelos outros que vão vir depois e vai ter melhor a coisa. É bem complexo, são linhas bem tênues, mas que é necessário é, porque a diversidade é importante estar na escola, porque não é só o que a gente acha que é normal que é o certo. Mas a escola tem que estar sendo preparada para isso. Então, por exemplo, a minha escola, ela não tinha acessibilidade, a escola reformou tudo porque tem alunos que são cadeirantes, porém a gente não tem funcionária suficiente, então a mãe da criança tem que estar lá o tempo inteiro para se a criança precisar trocar a fralda, né. (Arissana)

Nessa situação percebemos a importância de abrir concursos e contratos, aumentar o investimento em profissionais da área. E a importância do acompanhamento que algumas situações vão pedir, para romper barreiras como no caso do aluno citado. Arissana comparou essa realidade com a de uma escola particular que trabalhou, onde cada estudante tinha acompanhamento individual.

A última experiência que contribui para pensar essa questão é a de uma escola municipal de Arroio dos Ratos. A professora Lorenza conta que o aluno tinha autonomia e a família ainda assim exigia a presença do monitor, este acabava sendo como um carimbo atestando a deficiência e para contornar a situação ele era orientado a acompanhar também estudantes que não tinham laudo, mas necessitavam de apoio.

Aquele menino, gurria, ele dava um banho de dançar, e os outros com vergonha de dançar, ele não tinha vergonha nenhuma de dançar, ele fazia todas as coisas. Então a gente tem muito a aprender com tudo isso e essa coisa [...] de marcar as crianças. Eu acho essa inclusão, que ela tem que ocorrer sim, por forma de políticas públicas, que sei que tem coisas que precisam. Mas a forma como vem, às vezes, para escola eu acho que tem que ser repensado, talvez, a escola possa ter mais autonomia de ver isso também. Porque é no dia a dia que a gente sabe como que a coisa tá funcionando, né. (Lorenza)

O papel de monitores em sala de aula se mostra importante em situações em que ele fornece suporte para a autonomia estudantil, quando ele não isola aquele(a) estudante e sim se coloca a disposição de atuar com a turma, criando relações entre as pessoas ali presentes.

Analisando os contextos escolares, percebemos como a instituição federal tem um suporte tanto financeiro quanto de infraestrutura. É vista como modelo, possui bons salários e uma organização do currículo que incentiva a pesquisa e o estudo de forma a proporcionar mais autonomia para as turmas. As escolas municipais de Porto Alegre, como relatado anteriormente, tiveram muito investimento anos atrás, mas

vêm sendo desestruturadas nos últimos anos, cortando projetos como oficinas no turno inverso, diminuindo as horas de planejamento do corpo docente, parcelando salários, entre outras políticas destrutivas.

E a pandemia deu a única coisa boa, como o Marchezan acabou com as reuniões pedagógicas também, né. Isso nós tínhamos semanalmente e há 4 anos nós não tínhamos reunião com os professores. Então, na pandemia a gente está fazendo muita reunião, muita formação, muita conversa, construindo os planejamentos juntos, mas a gente sabe que não deveria ser assim, vir uma pandemia pra gente conseguir fazer uma reunião com os professores. (Judith)

Além das reuniões de professores mais frequentes, houve o relato da Lygia, da rede municipal de Porto Alegre, sobre aumentar a frequência das reuniões com os familiares. Passaram a fazer esses momentos de troca uma vez por mês, visto a necessidade de se apoiarem nesse momento. A Lorenza, que trabalha com educação infantil, fala da experiência de aproximação para tratar questões como permitir que a criança desenhe mesmo que o resultado não seja "bonito", ou para saber como está o uso da tesoura por um estudante com TEA (Transtorno do Espectro Autista) conversando com a mãe para começar atividades que desenvolve essa habilidade.

As entrevistadas colocaram como profissionais de Educação Especial, com a supervisão pedagógica da escola, têm um papel fundamental no envolvimento da escola na perspectiva inclusiva. Para formar a escola e dar o suporte necessário para as professoras regentes e de área trabalharem

nessa visão ou não. A posição dessa profissional da Sala de Integração e Recursos, do Atendimento Educacional Especializado, em conjunto com a supervisão, acaba sendo decisiva para o processo de cada escola.

Eu sinto que essas crianças, sejam elas laudadas ou não, essas crianças que são tidas como os erros da escola, né, os errantes, eles são muito marcados pela própria escola, e às vezes eu fico pensando, e vejo muito isso nas professoras que são, por exemplo, as responsáveis por esse atendimento do AEE. Aí depende desse profissional, ele também depende de como a escola tá entendendo essa deficiência ou esse laudo, enfim, porque às vezes só piora sabe. (Lorenza)

Momentos de formação foram relatados como importantes pela maioria das professoras. Quando essas formações trazem conteúdo relacionado às questões relevantes daquela escola se mostram eficientes. Além de relatarem a importância do interesse de cada docente em ir atrás de conhecer cada estudante com deficiência e de trabalhar de forma inclusiva. De ter gosto de aprender novos métodos de ensino, de ter a pesquisa presente na preparação das aulas e de ter sensibilidade para conhecer as especificidades.

Nesse ser melhor eu tento ser sensível, porque eu acho que esse é o caminho. Então, eu trabalho em função disso, eu me aprimoro nessa sensibilidade eu vou em cima disso, não é uma coisa simplesmente ela é sensível, não, eu busco isso. (Lorenza)

A seguir trarei comentadas as seguintes questões que integram a entrevista, trazendo as reflexões das professoras acerca da relação dos temas.

1. O que pode o Processo de Inclusão?

E quando perguntei se o processo de inclusão contribuiu com a arte na escola, as professoras relataram o ganho de aprender convivendo com as diferenças. O aprendizado coletivo que é para a turma e para elas mesmas.

Eu acho que é nesse sentido que daqui a pouco eu posso aprender com aquele aluno que precisava, eu Prof para aprender, não só meu colega, a turma toda pode aprender, pode ver o tempo de uma forma diferente, pode ver possibilidades que não viam sem esse colega e acaba aí que passa todos os outros sendo de inclusão e menos aquele, porque aquele tá trazendo eles para uma outra percepção, né, que é legal. Que eu acho que a gente consegue o que a gente tenta, pelo menos, que a gente acredita que seja o caminho para trabalhar a inclusão. (Rivane)

O conhecer outras visões de mundo e modos de viver. Como trouxe a professora da SIR:

[...] mas eu acho que educação inclusiva só faz crescer o fazer artístico na escola, por exemplo, tem as escolas que fazem apresentações de fim de ano, os alunos participam ativamente, porque não dançar do seu jeito, não cantar do seu jeito, né, porque hierarquizar o que é mais bonito, o que é mais feio. Porque é melhor pintar com a mão e não com o pé? É uma questão cultural também, vai que na nossa cultura todo mundo pintasse com o pé desde pequenininho, ia achar aquilo normal. (Judith)

Vivência que proporciona conhecer outras formas de usar os materiais para produzir. O processo de inclusão também foi relatado no sentido "de quebrar alguns preconceitos quanto à questão de estereótipos" na produção artística, como disse Arissana.

E as dificuldades encontradas? “A inclusão não são só flores, né”, conta Arissana. A questão trazida por Lorenza sobre o tamanho das turmas para conseguir se aproximar das especificidades de cada estudante contribui sobre esse ponto:

Na hora não é assim, na hora é tudo muito orgânico e, às vezes, tu passa, às vezes, tu não consegue dar atenção, porque é impossível, mesmo que tenha monitor junto, são muitas crianças. Adoraríamos que as escolas fossem com menos alunos pra tu dar mais atenção, mas essa não é uma realidade. (Lorenza)

Quando se quer mudar a perspectiva de como estamos pensando o ensino, não apenas disponibilizar monitor ou monitora, não adaptar conteúdo para um ou para outro, dá mais trabalho. E se pensarmos o desmonte dessa política e da escola pública, tirando e diminuindo recursos, fica muito mais difícil, por perder um apoio extremamente necessário para que o corpo docente faça o que almeja e se invista em melhores formações.

Mas esse trabalho se torna mais fértil se olharmos na perspectiva de que ele não é para uma ou outra estudante com deficiência e, sim, para toda a turma, para toda a escola que tem a oportunidade de aprender de outras formas, como melhor se identifica, assim relatado por Rivane:

Teve uma fala das gurias [...] que são agora as educadoras especiais lá do colégio, no nosso seminário de verão, e elas deram um exemplo de uma prof que usou uma atividade para o ensino médio e a atividade que ela fez adaptada ficou muito legal, é atividade adaptada que podia ser para todo mundo não só para aquele aluno. Porque ela era mais interessante do que a “atividade de todo mundo”, né, digamos. E aí foi legal

assim pensar que às vezes tu tá pensando na especificidade tu tá fazendo um troço muito mais rico que todo mundo vai aproveitar mais, todo mundo vai se identificar mais e aí daqui a pouco tu acaba usando aquela que seria o específico pros outros, né, pra todo mundo. (Rivane)

Esse processo contribui e ensina pelo desafio, pelo desacomodar. O espaço escolar proposto a ensinar para a vida em sociedade deve proporcionar esse "microcosmo", como trouxe Shoko, outra professora da instituição federal de Porto Alegre:

Ele contribui no momento que ele traz para a convivência do cotidiano todo o tipo de dificuldade, então, a gente lida com uma dificuldade concreta, né. Tu vai ter, tu inclui dentro desse microcosmo que é a sala de aula todos os representantes que tem na sociedade e essa convivência através da arte a gente tem essa possibilidade de falar sobre isso. Que a arte contemporânea vai trazer a questão do racismo, então vamos todos conversar sobre racismo. E aí, dentro a questão do preconceito, aí vamos todos conversar sobre preconceito e isso é possível dentro da aula de artes como uma expressão artística, como questionar, porque não tem uma resposta certa nem errada, mas tem um pensar sobre, e um pensar coletivo. Então, nesse sentido a inclusão enriquece justamente, porque traz essa visão de todos sobre determinado assunto e que essa visão muitas vezes é negada nas escolas que não tem inclusão. (Shoko)

Aprendemos a conhecer necessidades que sem esse convívio não saberíamos que existe "que seja eu te esperar na fila por alguma coisa ou eu tenho que pensar se vai ter a rampa para subir porque meu colega não vai conseguir ir na escada", diz Rivane. E termina:

Ah, eu acho que tem muitos exemplos assim, né. Mas acho que isso nos amplia muito até em docência, enquanto docente, e amplia primeiro para pensar as

aulas, primeiro para pensar a vida depois para pensar nas aulas. (Rivane)

A oportunidade de estudar, de nos formar como pessoas em uma escola inclusiva é essencial para respeitarmos as diferenças, aqui falo, como as professoras, em um aspecto amplo da palavra inclusão. A sociedade é feita de diferentes corpos, pensamentos, espiritualidades, e aprendemos a respeitar isso pela convivência com essas diferenças. A professora Judith reflete sobre esse ponto:

Educação inclusiva pode ampliar até de construir coisas de artes colaborativas, ampliar a visão de mundo dessas crianças que vão ser com certeza uma geração bem menos preconceituosa que a minha [...] A minha vida inteira eu nunca estudei com ninguém com deficiência e a gente sabe que no mínimo 15% da população do Brasil tem algum tipo de deficiência. Onde estão essas pessoas? (Judith)

A urgência do tema da inclusão estar em maior evidência nas licenciaturas se faz necessária para discussão e mudança dos paradigmas antigos. Como ainda não se estuda em sua profundidade, o aprendizado acaba dependendo do e da profissional da Educação Especial se fazer presente na escola, estando nas reuniões, opinando e orientando. E quando não se tem uma equipe, como é na grande maioria das escolas, acaba por sobrecarregar essa pessoa que passa a ser responsável por cobrir a ausência da formação inicial docente.

Então eu acho que a artes é disciplina com maior potencial para inclusão dentro de uma escola, eu acho que é facilmente capturado em parceria, a arte, todas as áreas tem que ser, mas é uma trajetória, né. Os professores das disciplinas especializadas a gente tem

que também olhar como foi o processo de formação desses professores. (Judith)

A arte contemporânea apareceu nas entrevistas como importante também para a formação docente, para estimular um pensar artístico. As professoras Arissana, Lygia, Rivane e Lorenza fazem parte do grupo de pesquisa onde buscam questionar a docência e propor práticas baseadas em trabalhos artísticos e artistas contemporâneos.

Dá para pensar outro tipo de ensino que valorize as experiências dos estudantes, que valorize a singularidade e a especificidade. Então dá para, nossa nem sei, nunca tinha pensado sobre isso, né, mas eu acho que abre um leque de pensar a própria aula, o que que é o produto daquela ou qual vai ser a produção, os caminhos para produção ou todo mundo precisa fazer a mesma coisa igual. Como que tu conduz, mas acho que antes de ir para sala de aula passa, tem que passar, pelo professor. Mais do que um trabalho artístico, vou levar esse pensamento artístico contemporâneo. Acho que tem que estar, o professor tem que estar impregnado disso, né. Tem que pensar no processo artístico ali, talvez explorar a coisa do processo com estudante. (Rivane)

Refletindo sobre minha formação percebo a falta que foi tratar do tema da inclusão em aulas, poucas disciplinas da Licenciatura tem como enfoque a Educação Inclusiva. Entretanto, acredito que mais que aumentar o número de disciplinas que tratam do tema, o tema tem que passar transversalmente em todas. Nas aulas de métodos de ensino, nas aulas de planejamento de Projeto de Ensino, nas aulas sobre sociologia da educação. Além de desenvolver um pensamento artístico contemporâneo que atenta para a invenção da docência em qualquer área. Na entrevista com a

professora de arte Shoko, da instituição federal, ela relata a importância para o pensar o mundo contemporâneo:

Traz a vida do cotidiano, a vida da pessoa comum na vida contemporânea em todas as suas dimensões, dimensão social, dimensão política, as coisas mais íntimas de um dia a dia até as coisas mais gerais do mundo, mais globais. A pequenez e a grandeza da vida estão presentes na arte contemporânea. [...] Então a gente já procura com arte contemporânea trazer esses questionamentos de como a sociedade vive hoje para que essa geração seja uma sociedade um pouco melhor no futuro, quando forem adultos, claro que agente não vai dar conta de tudo, nem temos essa ilusão, e novos problemas vão surgir quando eles forem adultos, enfim, é um processo de vida, vida em movimento, né.
(Shoko)

Assim como Shoko, todas as professoras relataram seus pontos de vista sobre a potência da Arte Contemporânea. Visão colocadas em diálogo nos capítulos a seguir.

Arte Contemporânea e Escola Inclusiva

Imaginar uma escola no paradigma inclusivo é pensar numa escola que se torna impura, impossibilitando a padronização dos corpos e adaptação desses a uma estrutura fechada, homogeneizada. A escola para todas as pessoas traz a impureza presente na diferença de cada uma, como culturas, tempos, e formas de aprendizagem distintas, além da singularidade de cada corpo.

O mundo contemporâneo é absolutamente impuro e isto é para ele um valor. Porque se impureza é conviver com a diversidade – seja ela étnica, política, sexual, etc. – ela tornou-se um valor positivo da contemporaneidade. Prefiro mil vezes a impureza que me põe convivendo com o diferente, à pureza que exclui. (COCCHIARALE, 2006, p. 72)

A arte contemporânea quebrou barreiras entre cotidiano e arte, entre autor e público, entre as linguagens, ela tornou-se impura e essa impureza incomoda, essa impureza desacomoda. Como Canclini apresenta em seu livro *A sociedade sem relato*, “A arte tornou-se pós-autônoma em um mundo que não sabe o que fazer com a insignificância ou com a discordância de relatos.” (2012, p. 28), ela expandiu seus limites num contexto social que ainda tem como ideal a verdade absoluta e a produtividade, duas ideias excludentes como a pureza que Cocchiarale descreve. Um mundo que exige um padrão inatingível ou se organiza pensando num ser humano mediano, que não existe.

O fazer artístico e o encontro com trabalhos de arte tem a potência de gerar conflitos, de gerar incômodos que provocam a reflexão sobre nossas relações na escola e com a escola. Percepção da relação com o outro como forma de quebrar barreiras atitudinais¹¹ em relação às pessoas com alguma deficiência, mas também com qualquer pessoa tida como diferente. O entendimento de diferença como algo inerente ao ser humano assim como a semelhança que nos proporciona a empatia. O entendimento de diferença não como o que foge à norma é de grande importância na construção de espaços inclusivos com respeito aos indivíduos. Há necessidade de entender a diferença como potência, como a possibilidade de aprender na relação com o outro, estimulando a curiosidade e não o medo. Como coloca a professora Judith:

Daí eu começo a fazer a crítica da normalidade, porque a educação ela sempre se organiza pra quem enxerga, pra quem fala, pra quem ouve, pra quem fica sentando, pra quem caminha, sendo que esse aluno ideal ele não existe, homem médio, o homem que dá conta de tudo medianamente também não existe. Então, questionada essas coisas, às vezes, também se acessa o professor, de parar pra pensar, p*** que pariu, né, to fazendo isso. Às vezes é uma coisa de cair a ficha, mas eu sempre, voltando pras artes, sempre tive muita interação e relação, eu acabo desenvolvendo com todos, mas as artes pra fazer projeto é a melhor área e acaba que contagia enquanto eu to em parceria com a professora de artes que tá fazendo uma coisa legal, bom os outros também passam a olhar e enxergar a presença da diferença como uma potência, né, não como uma escola que se rebaixa. (Judith)

¹¹ “barreiras atitudinais: atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social de pessoas com deficiência em igualdade de condições e oportunidade com as demais pessoas” (BRASIL, 2016, p. 21).

Adentrando nessa relação, perguntado às entrevistadas sobre se a disciplina de artes é importante para o processo de inclusão da escola, as respostas foram positivas. Lembrando que não é uma regra, que não é toda professora, todo professor de artes que terá esse posicionamento. E lembrando, também, que a arte não é salvadora da escola ou por si só inclusiva, mas é no trabalho das professoras que se aproveita todo o potencial da disciplina.

A professora de artes Lorenza reflete sobre esse potencial, que não é dado, não é determinante que por ser uma aula de arte será uma aula inclusiva. Um dos fatores que ela trouxe e me chamou atenção foi o de ser sensível à realidade de cada estudante. Perguntei como ela achava que se constrói essa sensibilidade, sua resposta foi sua trajetória pela escola de ensino fundamental que estudou e tinha colegas com deficiência e uma professora de artes atenta às habilidades levava para conhecer atelier de artista, por sua formação docente em que encontrou professoras dispostas a apoiar a escola. Por aspectos pessoais, por muitas variáveis, mas essas que trago aqui é por destacarem a importância da nossa formação escolar ser inclusiva para pensarmos a diferença, de ter exemplo de docentes, na faculdade, que olhem a potência da docência.

Tive essa professora que tinha um olhar, que até então dentro da faculdade não, parecia que todo mundo fala mal da escola, sabe, ninguém tava ali pra apoiar, e aí tu chega lá na L. e daí tu vê, tu leva uns tapas na cara.

E aí foi onde veio a paixão declarada de que eu vou trabalhar em escola pública e eu quero muito ir para escola pública. E a questão dessa sensibilidade eu acho que ela vai vindo, também, com as coisas que vão aparecer na nossa vida, né. E aí está na escola é um, como eu posso te dizer, é a prova da paciência e desse exercício de exercitar essa tua sensibilidade, porque haja paciência para ser sensível com todos e com todas, porque vão ter dias que parece que isso não existe, assim. (Lorenza)

Assim como a arte contemporânea se pensada em espaços de exposição, em museus, ainda não se tem a acessibilidade necessária. Acessibilidade Cultural tem pensado nessas questões e traz muito conteúdo para pensarmos a arte, como pude acompanhar no seminário VIII ENAC (Encontro Nacional de Acessibilidade Cultural) organizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em algumas palestras foi questionado o uso da palavra inclusão, por pressupor a exclusão em seu conceito, questão que pretendo aprofundar em outro momento, por entender que para essa pesquisa o foco é a contribuição das experiências educacionais.

Eu fico pensando nisso, a arte contemporânea em certa medida ela pode incluir sim, em outra medida ela vai excluir muito, porque se eu tô falando de uma visita, de também conhecer o trabalho de um artista, uma visita física com esses espaços, dependendo do trabalho, se ele é uma instalação ou se ele é interativo dependendo da necessidade dessa criança, desse jovem não vai poder, né. Agora tem, também, artistas contemporâneos que trabalham temáticas e assuntos que se problematizam sim essas desigualdade em relação às pessoas com alguma necessidade especial, eu acho que isso sim. E aí cabe às professoras e aos professores de artes trazerem isso, né. Mas aí lembro que não é só a existência de alguém que fala sobre esse assunto que vai ser o suficiente. [...] Porque qualquer professor de matemática também pode pegar

e trazer para a história da matemática as mulheres que não foram trazidas. Só que como que a gente faz isso? A gente tem que estar fazendo isso na formação dos professores, né, porque senão não adianta. Como é que tá cheio de arte contemporânea problematizando milhões de questões que podem estar dentro da escola, em todas as disciplinas, mas é muito mais a forma como isso vai tá chegando nesse professor e nessa professora e nesse aluno. Então, arte contemporânea ela pode ser maravilhosa para muitas coisas, para toda a escola, para todo mundo, para qualquer profissão, para, sabe, pra tudo na vida, mas ela só vai funcionar se ela tiver uma ponte, seja um mediador na exposição seja uma professora. (Lorenza)

Continua a professora sobre como a formação docente é importante estar atenta às essas questões, que um trabalho artístico pode nem tratar sobre inclusão diretamente, mas a docente, o docente pode dar esse enfoque nas aulas produzidas a partir. E como as aulas podem ser pensadas metodologicamente pela arte contemporânea, pela pesquisa conjunta com a turma. Lorenza aborda uma experiência de projeto que foi sendo desenvolvido dessa forma, a partir de materiais sobre a cultura Guarani. A turma foi experimentando materiais e se envolvendo na proposta de experiência da professora, com autonomia para criar os caminhos de desenvolver. A professora Judith acrescenta:

A interlocução e ligação com os professores de todas as disciplinas são fundamentais, mas a arte eu costumo puxar pra ser um instrumento mobilizador de pautar essas questões da deficiência pra escola, eu acho que a gente tem que criar culturas inclusivas dentro da escola, então essa questão da diferença tem que ser pautada, tem que ser visibilizada e com as professoras de arte eu sempre tenho um grande acolhimento. (Judith)

Por se tratar de uma área que nos possibilita expressar nossos conhecimentos de outra forma, com outras linguagens, a arte foi relatada como a disciplina da escola com grande potencial inclusivo. E nas respostas sobre como a arte contemporânea poderia contribuir para a educação inclusiva percebi como elas se complementam, cada uma trazendo uma questão da arte.

Eu vejo com a questão de tantas linguagens possíveis que a gente pode trabalhar, eu te falei do caso da pintura, mas é uma possibilidade de linguagem. E a interação, também, com obras que sejam instalações, que não fiquem só no contemplativo eu acho que isso é bem importante. (Lygia)

A disciplina de artes na escola também foi colocada como espaço de grande abertura para a inclusão, inclusive, trouxeram a importância dos saberes artísticos, da criação, das diferentes expressões, do buscar outras formas de fazer algo, estarem presentes em outras disciplinas da escola. A diluição dessas fronteiras dos conhecimentos que foram encaixotados pode ser um caminho para o espaço e tempo escolar.

Eu acho que esse caráter da arte. Na verdade, poderia dizer que a arte e esse caráter criativo em todas as disciplinas, é a forma como a gente vê a educação, ver as disciplinas, que a gente separou e excluiu essas formas criativas das disciplinas. Mas, enfim, sendo arte uma disciplina fechada e tal, dentro dela, com professoras e professores capazes e abertos a fazer uma aula, de proporcionar uma aula e ter um olhar sensível também. Porque são vários fatores, não vou dizer que todas as aulas de arte, os contextos são milhões no Brasil, uma coisa é a escola privada, outra coisa é a escola pública, uma coisa é a pessoa que tem todo o amparo da família porque tem grana e outra coisa esse aluno que eu te falei, sabe. Então eu acho

que na aula de artes é super hiper mega possível de fazer a inclusão, ela, talvez, ela mais faça a inclusão com aqueles que seriam os “normais”, porque tem muita coisa que essas crianças, que são as laudadas ou, enfim, as que têm os problemas, às vezes, deficiência física, eles dão banho na gente, eles dão de aula e nos outros também. (Lorenza)

Shoko fala da materialidade e da concretude com que a arte trabalha. “E também porque a gente fica no meio termo de uma zona, digamos, entre a ciência e a imaginação”, por permitir uma maleabilidade e não ser dura, permitindo novas interpretações e construções. E o desafio dessa concretude num momento pandêmico de aulas remotas:

A pandemia nos tirou essa presença, a presencialidade, essa materialidade que a gente tinha, a gente tá lidando com outros recursos. Ainda estamos tateando, experimentando, descobrindo, mas essas zona indeterminada entre a ciência e a imaginação, entre a dureza da exatidão e, também, o caos que seria uma loucura, uma coisa assim, temos essas zonas que a gente fica trabalhando, ali no meio. Que a arte, essa permanece, a gente lida ainda muito com esse mundo da imaginação, com leitura de mundo, com vivências. (Shoko)

A professora Judith fala do uso de diversas metodologias e como a disciplina de artes pode ser exemplo e mobilização para docentes de outras áreas:

Inclusão implica interação, então quando se vai fazer uma composição artística tu tá em interação com o colega, quanto tá dividindo um desenho para pintar tu está fazendo algo de maneira equitativa, esse em que muitas vezes a gente trabalha estimulando sempre interação entre os alunos, né. [...] é muito mais do que tu fazer uma redução curricular, seja lá em qual área, a gente tem que fazer uma diversificação metodológica de como vai ensinar aquele assunto para todos os alunos, porque a gente sabe que algumas pessoas são mais visuais, outras são mais auditivas, outras

precisam tocar, sentir, que outras precisam respirar, outras vai ser de olho fechado, isso para todo mundo. Então, poder usar a pluralidade de metodologias é bem melhor do que tu dá o mínimo, e a aula de artes é uma aula com potencial maravilhoso para, não só promover inclusão entre os alunos, mas de sensibilizar os professores também. (Judith)

1. Fronteiras Ultrapassadas

A diferença e a impureza presentes na arte e na escola precisam ser valorizadas como potência de transformação. De como podemos ultrapassar fronteiras previamente determinadas por cartografias antigas.

Na palestra de Ignacio Calderón, ele apresenta um paralelo de um mapa antigo da América Latina como orientação que determina por onde e até onde a criança com deficiência pode ir, o que consegue aprender e produzir. Assim como os mapas são um ponto de vista específico de um território, que expressa a ideia de mundo determinada pelo poder vigente, a educação também pode acabar se fechando dessa forma. Em um trabalho sobre apropriação de imagens que realizei para a Disciplina de Arte, Saúde e Educação, eu busco mapas de 1500 a 2019, que representam a América do Sul e sobrepus as treze imagens tornando cada vez mais transparente, a fim de borrar as fronteiras delimitadas por eles.



Figura 6: Fronteiras Ultrapassadas (2019x1500px), 2019. Arquivo pessoal. Descrição da imagem: mapa da América Latina embaçado, com resquícios de mapas antigos sobrepostos. Final da descrição.

Borrar a estrutura da cartografia escolar como forma de questionar e enxergar o problema estrutural construído desde a invasão da América. Como criar caminhos diferentes do mapa que já temos construído socialmente? Como fazer para ensinar pessoas que entraram há poucos anos no mapa da educação, como no caso das com deficiência que conquistaram esse lugar ainda este século? E pensar, assim como não cabe limitar até onde uma criança pode ir, como podemos romper as fronteiras que delimitam até onde a escola pode ir? Quais são essas fronteiras?

Questões que buscarei analisar pelas respostas das professoras, mas que por sua abrangência, não pretendo encerrá-las nesse trabalho. Na questão sobre o que é diferença e o papel na escola muitas comentaram os estudos filosóficos com base em autores e autoras como Vinciane Despret, Gilles

Deleuze, Félix Guattari, Jacques Derrida. Assim relata a professora Shoko:

Como estudei filosofia da diferença, tem duas interpretações tá, mas no caso eu não considero a diferença como aquilo que é diferente de um padrão, dito como normal, eu acho que a diferença é a produção de vida, então cada vez que nasce uma pessoa no mundo ela vai nascer diferente, cada vez que tu vai vivendo e passando os minutos as horas do teu dia, os anos da tua vida, tu vai produzindo diferenças, tu vai se tornando sempre diferente. (Shoko)

E também trouxeram significado do conceito adquirido pela experiência. Antes mesmo dessa pergunta, nas respostas anteriores, muitas entrevistadas usaram o termo diferença, falando, também, da importância dele ser mobilizado na escola. O interessante das respostas foi que cada uma buscou sua interpretação a partir de seus contextos e conhecimentos de formação, mas todas veem a diferença como potência.

A diferença, ela é constitutiva da espécie humana, acho que do planeta, né. Uma coisa que me chocou foi um professor meu de fotografia que é o Manuel da Costa, num dos trabalhos dele, ele pegou uma super câmera da UFRGS e fotografou rostos de formigas, coisa que a gente nem pensa que tem. Giovanna, é uma cara diferente da outra, tu nunca mais olha uma formiga e pisa nela querendo, se tu fizer é sem querer. Então é constitutiva do planeta a diferença, a igualdade ela é uma invenção. Então, a diferença para mim é a singularidade, são os processos de subjetivação daquele sujeito. (Judith)

De longe vemos as formigas, esses seres tão diferentes de nós humanos, como sendo iguais. O fotógrafo nos provoca a questionar nossa visão ampliando detalhes que de outra forma não veríamos. Assim como as formigas, cada ser humano é

constituído de tamanha complexidade. A experiência da deficiência é ampla e está relacionada a essa complexidade, ao contexto de cada pessoa. E é desse modo que ela aparece no convívio escolar. Não é por ter um diagnóstico de TEA, por exemplo, que toda pessoa com TEA será igual, responderá da mesma forma.

Eu não posso também olhar um sujeito somente olhando numa perspectiva de olhar ele como uma pessoa com deficiência, ele é muito mais que isso e daí eu agrego conceito de interseccionalidades. (Judith)

A complexidade está em cada pessoa ser formada por inúmeras variáveis, a professora Judith complementa: não é por ter Síndrome de Down que torna a pessoa igual às outras com a mesma síndrome. Existe o contexto social, econômico que estamos inseridos, existem outras experiências de opressão como racismo, lgbtqi+fobia, gordofobia, machismo, que se atravessam. A singularidade de cada corpo deve ser considerada quando buscamos conhecer nossos estudantes.

Olha acho que a diferença é tudo aquilo que se difere de mim, que eu não consigo entender, que eu não consigo captar, que eu não consigo ler a partir de mim mesmo. É estranhamento, choque, é ruptura, é dor, é dificuldade, é tensão. Mas isso não quer dizer que é ruim, né. Isso é bom, a tensão, o estranhamento são potências muito fortes, né. (Arissana)

Esse choque é tratado pelas entrevistadas como potência de questionamento, de aprendizado sobre a vida, para sair de uma zona de conforto, sair de uma formação que homogeneiza. Por vezes trazendo frustração por não saber lidar, nessa

desestabilização que reagimos e podemos aprender como nos relacionar com a diferença.

A professora Arissana apresenta o conceito de alteridade que ela trabalha em sala de aula e em sua dissertação relacionada à animalidade.

Trabalhar isso com os alunos, essa questão da alteridade a partir dos animais, porque eu penso que no momento que tu consegue conviver com outro que é completamente diferente de ti, que não tem a mesma linguagem que tu, eu acho que se expande para todos os processos de relações de alteridade que a gente tem, sabe. Acho que é bem importante a relação da criança com o animal e a relação da criança com sua própria animalidade, que é no sentido de que o pensamento ele não é somente racional ele é sensível também. (Arissana)

E o papel da diferença na escola? Como a escola é impregnada da diferença, assim como a natureza e a sociedade, as professoras relataram os modos que ela pode aparecer e se fazer importante. "Só a diferença estar na escola é uma coisa, né. Agora [...] de que modo eu vou me relacionar com a diferença, aí que tá questão". A professora complementa:

Educar é estar junto entre o eu e o outro, então eu entendo que esse estar junto não quer dizer que eu preciso entender o outro. Gosto muito do Derrida, também, que ele fala de uma responsabilidade absoluta com a diferença, uma responsabilidade que vem antes de qualquer coisa porque a gente tem muita coisa da palavra tem que ter empatia, tem que ter empatia pelo outro... eu odeio esse termo empatia porque a empatia ela tá em eu conseguir me colocar no lugar do outro. Então só vou ter empatia com quem eu consigo me colocar no lugar, naquela frase: aí eu consigo imaginar como é que é, aí eu vou ter empatia. Não, né. Eu não

preciso entender o outro, essa é a coisa da diferença, não precisa entender o outro, não precisa entender a linguagem do outro, eu não preciso me conectar com outro para respeitar e entender que ele é uma autoridade, ele é uma vida, ele é uma autoridade e que tem todas as suas singularidades e eu posso aprender com ele. Tem uma filósofa que fala assim, que é jogar por debaixo das redes. É a ideia da questão do animal mas serve para a questão da inclusão também, tu tá jogando tênis e aí teu parceiro começa a pegar e jogar só por baixo da rede a bolinha, só por debaixo da rede. Tu pode achar que é uma bobagem, sair do jogo ou pode pegar e tentar entender qual é a regra. Qual é o jogo que ele tá criando ali e fazer um jogo por debaixo da rede com esse teu parceiro estranho. (Arissana)

Nessa leitura da professora de artes, ela se baseia em uma filósofa e um filósofo que pensam a relação com diferença, no caso da Vinciane Despret relacionado ao animal, considerando a importância de exercitar a relação com esse ser tão diferente. Não precisamos concordar ou entender o outro, mas devemos respeitá-lo por ser uma vida, com base em Jacques Derrida, superando a empatia e impondo uma visão de fundamento de qualquer relação.

A diferença “ela é a escola, são as pessoinhas lá dentro”, diz a professora Lorenza e chama atenção para como devemos pensar essa relação. Falando das intolerâncias presentes nesse mesmo espaço.

É uma questão de respeito, assim, é tão básico e é tão primário, parece que no momento, na aula, na educação, na relação com qualquer ser humano, a gente está tendo que parar para simplesmente entender o que deveria ser uma coisa já vindo da pessoa, mas não vem, né. Que a gente é diferente, as pessoas vão discordar e ter opiniões diferentes e que tá tudo bem e que a gente pode conviver com isso. Que a escola tá cheia dessas intolerâncias, e aí a intolerância

ela vai aparecer no que seria os picos da diferença, [...] Ah porque que vocês batem nesse aluno porque ele é diferente, porque ele, sei lá, porque ele tem um olho assim [...] ou porque ele fala demais, porque nessas diferenças ela é alvo de certas coisas, agora na outra diferença, de qualquer outra coisa, não é. Então, é de se discutir essas coisas em sala de aula. (Lorenza)

Usar o espaço de sala de aula para debater esses temas, trazer conteúdos que provoquem outros olhares. Como dito anteriormente, a metodologia do ensinar deve ser pensada, a atuação docente vai dar espaço ou vai tolher esses possíveis debates. Como fala Judith, se nutrir no estudo, na filosofia para pensar seu trabalho.

E aí as escolas têm que ser provocadas, porque senão na correria do dia a dia, de 8 horas dentro do colégio, professores de área com 12 ou 13 turmas, chega um prefeito que corta as reuniões, tirou as dez capacitações que a gente tinha pelo menos 10 turnos no ano, que tu estuda, né. [...] Tento pautar a questão da diferença sempre pensando na sua potencialidade, num quase um viva à diferença, respeite a diferença, e uso mais a diferença do que a deficiência como argumento. As escolas ainda, às vezes, estão muito pregadas neste paradigma biomédico, isso a gente vai desfazendo, tirando da doença e entrando no patamar da diferença. Eu uso como um conceito que me auxilia, gosto até de ler filosofia da diferença, tenho algumas leituras do Deleuze, algumas coisas do Guattari. Agora tô usando para esse projeto de escola, Panc (Plantas alimentícias não-convencionais), um livro do Guattari, como é que é o nome, agora me faltou, mas é sobre a questão da ecologia, da ecosofia que é uma articulação de uma ética com o meio ambiente, com a pessoa e com a instituição. Vou estudando na medida que, em vez de estudar como fazer o aba lá com a pessoa com autismo, eu vou e me nutro na Filosofia para daí pensar estratégia para dentro da escola. Então para mim, a diferença é um conceito fundamental do meu trabalho e não trato as diferenças, apenas as pessoas com deficiência que são diferentes. Justamente a diferença abarca a todos, eu gosto desse conceito porque quando

tu usa a diversidade, eu uso, mas eu prefiro diferença, porque diversidade ele é diverso do quê? Ele pode ser diverso de um modelo existente e a diferença é mais ela por ela mesmo, não gera tantas comparações, mas tudo isso filosoficamente falando, mas é o que me conduz na organização do pensamento no trabalho. (Judith)

Usamos muito o termo diversidade nos movimentos sociais, considerando que estamos numa sociedade que categoriza as pessoas. Mas essa reflexão da professora nos provoca a pensar o uso dele ao se referir às pessoas em uma escola. Por outro lado, a diferença nos propõe olhar a singularidade e identidade de cada pessoa, sem pressupor um padrão ou uma categoria, a diferença apresentada nesse trabalho, na verdade, nega padrões e categorias. E como diz a professora Lorenza, sobre a luta contra a desigualdade e a busca por direitos iguais:

[...] mas em que medida, se a gente é diferente. Então, acho que no momento que a gente entende que todos somos diferentes essa é a nossa igualdade, nesse sentido nós somos iguais, quando somos todos diferentes. (Lorenza)

Trazendo o respeito pelo diferente como algo primário, essa "responsabilidade absoluta com a diferença", dito anteriormente, o direito de ser quem se é. E a escola lidar com isso, não num sentido de apenas tolerar e sim de se relacionar, de sentir o incômodo, admitir como "trabalho, às vezes, internos para me organizar e para lidar com aquilo", como diz Rivane. É oportunizar a vivência com a diferença.

2. Escola Contemporânea

A formação da instituição escola passou por muitas mudanças baseadas em quem poderia ser ensinado, em quem era capaz de aprender, sempre em relação com o contexto econômico social, como Hugo Bayer nos elucida:

As escolas sempre se serviram de algum tipo de seleção. Todas elas foram, cada uma à sua maneira, escolas especiais, isto é, escolas para crianças selecionadas. (BAYER, 2007, p. 14)

Ainda temos muito caminho pela frente para mudar uma educação pautada na exclusão, preparada para alguns poucos homens brancos com posses. Ela deixou seus paradigmas enraizados e é recente a prática que busca uma educação realmente para toda criança e com qualidade, prática que bate de frente com rígidas ideias, rígidos currículos, rígidos espaços e tempos. Uma rigidez que se encontra em estado de fragilidade, sendo contestada e por vezes condenada. A escola está em disputa por sua existência, seu propósito e seu futuro.

A última questão da entrevista: o que vem à mente quando se depara com o termo escola contemporânea? Provocou as mais diversas respostas e pensamentos, recebi referências de autores que falam da escola contemporânea, algumas visões parecidas com a escrita que eu vinha desenvolvendo e outras visões que me levaram a questionar se o termo faz sentido ser usado.

Ah, eu penso no hoje, né. Porque apesar da palavra contemporânea, dentro do contexto de arte, a gente pensa contemporâneo que nem a sociedade

contemporânea, as coisas conceituais, as coisas diferentes e tal, que às vezes quando penso em escola contemporânea poderia ser um ideal de escola contemporânea, mas não é, porque o contemporâneo diz respeito a este tempo, né. (Lygia)

O que me levou a questionar o título do trabalho, se estaria construindo uma reflexão que aborda a construção de algo novo ou um elogio ao que existe hoje nas escolas e, infelizmente, pouco sabemos.

Acho que escola contemporânea no sentido de tá ligada à vida, tá ligado às mudanças, mas a escola tá, né. Só que não aparece, porque como os professores trabalham tanto e dão tanta aula para poder se sustentar e viver, acaba que eles não conseguem mostrar o quão bonito é o seu trabalho e o quanto eles pensam a educação e modificam a educação, criando coisas novas. E acaba que só fica, às vezes, só aparece como pensamento sobre a escola quem tá nesses lugares de fala da academia, né. E não dizendo que não é importante, é muito importante esses pensamentos mais teóricos que têm falado sobre a escola e sobre a educação, mas é complexo porque quem tá na escola vivendo aquilo todos os dias não tem espaço de fala, porque não tem tempo, porque tá sobrecarregada, porque tá cansada, porque tá surtado, porque teve que dar conta muitas coisas que não são pertinentes ao seu trabalho. Esse momento da pandemia, assim, acho que escancarou muito tudo isso, né. (Arissana)

Faz sentido falar em uma escola contemporânea? O que se manteve estruturado e imóvel? As pessoas que constroem essa escola mudaram e seguem o tempo em que estão, no espaço escolar buscam criar um tempo outro que proporcione a invenção, a imaginação e a construção de possibilidades. O que as prende ou as engessa? Estruturas políticas, econômicas e sociais? A piora na desvalorização da profissão de professora e da educação? Falta de conhecimento do que se passa dentro da

escola ou um tempo rígido do relógio que não permite explorar toda a riqueza que a invenção coletiva pode proporcionar?

Uma instituição federal de Porto Alegre usa de um currículo e de tempos e espaços diferentes. Foram entrevistadas duas professoras dessa escola que experimenta outras organizações em sua rotina e também dispõe dos recursos básicos para buscar essa escola contemporânea. Possui no currículo música, teatro e artes visuais, logo a dança, que no momento entra como oficina, fará parte da grade curricular também. As turmas de sexto e sétimo ano são divididas em grupos de 15 estudantes para as aulas, no sexto ano possuem um projeto de pesquisa em que a aluna ou o aluno escolhe um tema para pesquisar e quem vai orientar. No oitavo ano escolhem qual linguagem artística vão seguir.

Tem vários tempos no currículo, espaços e tempos que permitem que todos os estudantes sejam acolhidos nas suas necessidades, por isso que eu acho que a coisa, não sei, pode ser meio idealista, mas eu acho que a gente consegue dar conta. Por ter o privilégio de trabalhar com um grupo menor, com tempo maior, com espaço adequado, com materiais, também, que a gente usa geralmente tudo muito coletivo. [...] Eu trabalhei em escolas que eu tinha 18 turmas, então, não tinha como conhecer esse estudante ou esse histórico ou acompanhar. Hoje eu tenho três turmas, eu consigo conhecer. Que é a situação ideal, maravilhosa. (Rivane)

A lógica mercadológica imposta pelo capitalismo vai contra a perspectiva da escola do tempo livre e do aprendizado inventivo. A exigência da domesticação dos corpos para o mercado de trabalho é a morte da pessoa humana e da diferença tão importante para uma sociedade inclusiva.

A pandemia evidencia essas questões quando fecha o espaço físico de convivência da escola, explicitando a importância dele no cotidiano das crianças, adolescentes e adultos. Adolescentes e adultos que estão evadindo do Ensino Médio e outros que conseguem seguir com os planos de entrar no Ensino Superior colocando a desigualdade social entre esses dois grupos destacados. Professoras que entrevistei relatam a falta que a escola faz para a criança em suas relações de afeto e o reaprender essas relações para quando for possível voltar ao presencial.

Duas professoras chegaram na escola que trabalham atualmente durante a pandemia e relataram como é estranho criar laços nesse momento. Assim como outra professora relatou a mesma situação com uma turma nova, em que ainda não conheceu pessoalmente os e as alunos(as).

Algumas descobertas e desafios que as professoras relataram na pandemia mostraram como a educação inclusiva vem atravessando esse momento, e a educação como um todo. Pelas entrevistas podemos ver a importância de infraestrutura e investimento na educação. E como o corpo docente das escolas passou os últimos anos cobrindo as carências de financiamento com seu trabalho. Observam uma desresponsabilização do Estado pela escola pública.

Eu até escrevi um texto esses dias que a culpa é de nós professores que sempre tapamos o furo desses gestores públicos e agora a gente não consegue mais tapar o furo e, além de não conseguir, a gente não tem

mais sanidade mental para tapar esse furo, sabe. A gente tá cansado, né. Então, assim, agora mostrou quanto a educação pública está sucateada, porque a gente tentou, mas não é o nosso papel fechar certos furos, é o papel dos políticos que a gente elege. (Arissana)

Trazendo como tem sido o papel dos profissionais da educação nesses anos, extrapolando suas funções e se sobrecarregando. Judith complementa sobre a formação da Secretaria de Educação que tinha para as docentes de Educação Especial quando entrava no município. Hoje quem ocupa o espaço abandonado é a profissional mais antiga na escola, “e quem tem que fazer a formação das novas colegas somos nós, que já estamos, também, abaixo de correria”.

A escola propôs esse espaço e tempo separado para o aprender, mas as questões sociais entram e participam dela. Participam da construção das relações, das identidades e, muitas vezes, pelos relatos das professoras, percebemos a interferência no aprendizado. A violência, o abuso, a falta de recursos mínimos de sobrevivência causa deficiências que também devem ser consideradas quando falamos da escola inclusiva.

Quando pensamos na escola contemporânea pensamos nesses atravessamentos. Em resposta a essa última questão Rivane me indicou a referência do livro Instantâneos da Escola Contemporânea de Júlio Groppa Aquino, nele apresenta “o que borbulha o que fervilha de vida e de problema, de indisciplina, de resistência, então é tudo isso misturado mais um pouco”,

como ela diz. Uma mistura que deve ser considerada quando pensamos a aula, trazendo em outras palavras, os autores do livro *Em defesa da escola* usam a metáfora de uma cebola. Assim como a cebola, cada estudante precisa descascar as camadas de fora do espaço e tempo da escola. Começar a aula quando conseguimos trazer esse ou essa estudante para estar no presente. Desafio de pensar como fazer, como disse a professora:

As relações que se atravessam ali o sentimento, não tá ali ou tô ali, mas tô com fome e aí tá a p***** da aula. Então, assim, é tudo isso misturado e mais projeto de governo que a gente tem, desgoverno, mais o que tá acontecendo no mundo. Então, não tem como pensar a escola contemporânea descolada dos problemas que a gente vive, da desigualdade. Não sei se eu me faço entender, mas é tudo isso atravessado para mim, a escola contemporânea é, ao mesmo tempo, a gente tá discutindo inclusão digital e não sei o quê e a gente não tá nem alfabetizado no básico. (Rivane)

E como fazer uma aula que tira as camadas e chama a pessoa para um tempo de invenção? Segundo a professora de Educação Especial, é uma questão de conhecer esse estudante, se aproximar dele vendo suas potencialidades e interesse.

[..]é tentar, sem expor o aluno, fazer essa leitura de como é que para essa pessoa com essa experiência de vida, o que que tem sentido de trabalhar nesse momento e com essa matéria. Não é fácil, o sistema virtual com as aulas remotas para escola pública é um desafio gigante, a ínfima minoria consegue. Por exemplo, de 33 famílias que acompanham a gente, fiz uma reunião online, só quatro conseguiram, os outros o celular às vezes mal e mal dá para ler texto, com aquelas telas rachadas. E a Prefeitura não fez nenhum movimento para distribuir tablet, computador (Judith)

Judith chama a atenção para essa realidade relacionada aos novos desafios enfrentados na pandemia. Chama atenção a “(não) política” que vem sendo implementada, de desmantelamento da rede pública de ensino. “Mais uma vez eu uso Emicida, né. Quando o Emicida diz: tudo que nós tem é nós, as escolas infelizmente tudo que nós tem é nós.”

Da mesma forma Rivane, quando perguntada se a escola teria ainda um viés homogenizador, afirma:

Olha a escola é a gente que faz [...] escola são as pessoas que estão, as pessoas que coordenam, as pessoas que dão aula, que frequentam, é a comunidade, é, eu acho que a gente avançou muito, que seja aproveitando isso nas nossas aulas, aproveitando a diferença nas nossas aulas, por exemplo, abrindo um pouco isso no nosso modo de pensar, de estar na escola, de fazer projeto de acontecer, de desenvolver as coisas. Então, acho, mas não sei, talvez porque talvez algumas famílias esperem que a escola seja sim homogeneizadora, e aí vão procurar determinado tipo de escola. Mas eu acho que já tem várias escolas que estão trabalhando num caminho diferente, fico feliz que hoje em dia tem, mas infelizmente ainda na sociedade a gente tem pessoas que não querem isso, que acham que é errado e aí a escola responde a interesses também. (Rivane)

O que nos faz refletir sobre o que falamos quando pensamos na palavra escola. Escola são as pessoas que fazem, também é uma estrutura arquitetônica, também é um instituição, também é uma ideia. Pode ser usada como um instrumento de moldar novas gerações ou, então, como Arissana descreveu: a escola está fora desse tempo linear, ela é o tempo da fantasia.

A escola é o espaço da possibilidade, da invenção, de tu não estar ligado à quem tu és, à tua família, é um espaço onde tu és outra coisa e tu inventas outras coisas, onde tu experiencias. É claro, né, pensando no trabalho, no vestibular, que não deveria ser só isso, a escola é formação do ser humano. Então, eu creio que a escola está no outro tempo, no tempo de fantasia, o Kohan que fala do tempo livre que ele remonta aos gregos, que a escola é o tempo livre, sabe, e o quanto é necessário esse tempo diferente da escola. A escola é pura vida, sabe, pura invenção e loucura e caos, também tem caos, tem tudo. Mas, eu acho, nesse sentido, que a escola tá além do contemporâneo sabe, ela não se situa no tempo espaço linear que nós estamos acostumados, ela é um tempo diferente as coisas andam diferentes na escola. (Arissana)

Outros autores também defendem a escola do tempo livre. Jorge Larrosa, Jan Masschelein, Maarten Simons e Cristina Antunes, por exemplo. No capítulo *O que é escola?*, do livro *Em defesa da escola: uma questão pública*, vemos a complexidade da escola de hoje sendo ela, muitas vezes, a escola desescolarizada. Explicam o tempo livre não como tempo do relaxamento, este que já se tornou “tempo produtivo e se torna matéria prima para sua própria esfera econômica” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014). Buscam a defesa dela como espaço que suspende o tempo para as possibilidades da experiência, uma visão que trabalha para construir outras cartografias da escola, encontrando aberturas no mapa educacional.

A nossa ambição, contudo, não é esboçar a escola ideal, mas uma tentativa de tornar explícito o que faz com que uma escola seja uma escola, e, conseqüentemente, diferente de outros ambientes de aprendizagem (ou de socialização, ou iniciações). E, mais uma vez, o objetivo não é o de salvaguardar uma

velha instituição, mas de articular um marco para a escola do futuro. (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, n.p)

Outra visão trazida sobre essa escola é voltada ao choque com o estranho. Segundo a professora Lorenza, de Arroio dos Ratos:

Para mim a escola traumatiza e machuca, e até certo ponto isso é bom no sentido de que o aprender ele de certa forma precisa te tocar nem que te machuque por um instante para tu entender, mas o machucar não quer dizer que doa, a meu ver, uma educação ela toca nas pessoas e aí faz sentido as coisas. (Lorenza)

Uma visão apresentada por Shoku é a de uma outra postura docente em relação ao conhecimento. O que vem à mente quando pergunto sobre o termo Escola Contemporânea, para ela, é o relacionar com um mundo onde tantas informações chegam até nós.

[...] para mim vem justamente de uma busca, de um processo de ensino e aprendizagem em que o professor é mais um mediador, não é aquela fonte de conhecimento geral, mas o mediador de descobertas. Então, é um papel importantíssimo no sentido de conduzir as descobertas dos estudantes de uma maneira acertada, adequada, né. A gente vê hoje em dia que ainda há muito na sociedade esse choque entre o pensamento científico e o pensamento mítico, que se expressa muitas vezes na política, nas redes sociais, esse choque. Então como é que se produz conhecimento, como é que a gente sabe que uma verdade é uma verdade mesmo. Isso é o papel, eu acho, da escola contemporânea. (Shoku)

Assim como a escola, a aprendizagem foi muito colocada dentro de limites, "submetidos a leis científicas" (KASTRUP, 2001), essas pré determinações não permitem a aprendizagem inventiva. No texto *Aprendizagem, arte e invenção*, Virgínia

Kastrup explica a experiência de problematização, caracterizada pelo choque com o não-saber, o estranhamento com o que não entendemos, Neste trabalho apareceu essa questão quando falamos da inclusão, da arte contemporânea e da diferença, temas também tratados pela escritora.

E o papel da professora? Virgínia também reflete sobre no final de seu texto, colocando o ou a docente com a função de atrator para a matéria, assim como a visão da professora que coloca seu papel como mediadora.

O professor é um atrator, embora o atrator não seja necessariamente um professor. [...] Ele é alguém que exerce a função de conduzir o processo, a expedição a um mundo desconhecido, de fazer acontecer o contato, de possibilitar a intimidade, de acompanhar, e mesmo de arrastar consigo, de puxar. Não para junto de si, mas para junto da matéria, para o devir da matéria, seguindo, acompanhando sua fluidez. Cada agenciamento professor-aluno é um ponto de bifurcação, de proliferação de possíveis, de multiplicação de fontes, de ramificação. Cada agenciamento abre a possibilidade da continuidade da propagação. Contudo, há um ponto de bifurcação, de indeterminação, e o resultado não é garantido. Por isto não há programa ou método de trabalho para a aprendizagem inventiva. Mas há, seguramente, uma política pedagógica a ser praticada. A política da invenção consiste numa relação com o saber que não é de acumular e consumir soluções, mas de experimentar e compartilhar problematizações, e a adoção da arte como ponto de vista faz parte desta política. (KASTRUP, 2001, p. 26)

A autora coloca, então, a potência da arte para a problematização, assim como as entrevistadas falaram dessa potência, tanto da disciplina de artes quanto do processo de inclusão em criar, em ensinar a ser inventivo.

As docentes entrevistadas apresentaram suas visões de como fazer uma aula, partindo de conhecer o mundo do estudante, como dito anteriormente. De buscar criar aulas e atividades que não precisam de adaptação para um ou outra, criar pensando na turma como um todo e nas especificidades das partes, que são cada pessoa. Acolher as diferenças da aprendizagem, apresentando o conteúdo em diversas formas, em vídeo, em texto, em poesia. E elas não só teorizaram sobre, mas contaram suas experiências nas escolas que passaram e atuam no momento, ilustrando as possibilidades. Relatando exemplos em de potência da arte contemporânea e da educação inclusiva.

Artistas e Experiências

Na oitava questão pergunto: Conhece trabalhos artísticos que trazem o tema da inclusão de alguma forma? Que provoquem reflexões sobre a relação com o outro? Essas perguntas diretas sobre que experiências tiveram, exige uma retomada de lembranças muito específicas. Percebi que surgiram mais exemplos de experiências junto com as respostas das outras questões.

Elas trouxeram muitas referências artísticas que aqui apresento: o quadrinista Pablo Aguiar, o clipe "Amarelo" do Emicida, professor e músico André Vicente; fotógrafos João Vicente e Alex Flemming; artistas visuais Manuel da Costa, Rosângela Rennó, Clarice borian, Arissana Pataxó, Lygia Clark, Ernesto Neto, Frida Kahlo, Vital Lordelo, Mariane Rotter, Lorenza Böttner, "Eu desejo o seu desejo" da Rivane Neuenschwander, série "Polvo" da Adriana Varejão; livro Os Bichos do Lixo de Ferreira Gullar; psiquiatra e desenvolvedora de uma outra forma de tratar as pessoas que na época estavam isoladas em manicômios, Nise da Silveira.

A partir de indicações das professoras da banca, das professoras orientadoras desta pesquisa e do estágio supervisionado e de pesquisas que fiz, separei alguns artistas, trabalhos e exposição para agregar à lista das professoras: exposição *Faltava-lhe apenas um defeito para ser perfeita*, 2019, no Museu do Trabalho, chamo atenção para os trabalhos de Jessica Becker, *Para Aldo eu sou a escuridão*, 2006, e de

Gabriela Mureb, *Para levar um choque, toque nas hastes metálicas simultaneamente*, 2016; artistas Shoko Kanazawa, Joseph Grigely, Mindy Alper, Judith Scott, Yinka Shonibare; fotógrafo Evgen Bavcar.

Outras perguntas de experiências se referiam sobre a potência da arte contemporânea para a inclusão e sobre a potência de uma escola inclusiva para a arte na escola. Outra era para contarem as vivências de união das duas áreas. Me chamou atenção como algumas professoras relataram não saber diferenciar as atividades relacionando arte e inclusão por pensarem todas proposições em sala de aula para que todas crianças e adolescentes participassem.

Questionando sobre projetos vivenciados nas escolas, algumas relataram alguns exemplos como exposições feitas com pessoas com deficiência ou projetos que expandiram os muros das escolas, atingindo familiares ou mesmo outras escolas. As exposições escolares foram trazidas pela importância de discentes verem a sua produção e verem os olhares de colegas sobre elas.

As escolas municipais de Porto Alegre tinham um projeto de realização de oficinas no turno inverso, algumas professoras relataram a importância delas e as possibilidades de criarem, de forma interdisciplinar. Espaços e tempos inclusivos, principalmente através da arte, que mobilizaram a escola como um todo.

Seguir os possíveis caminhos

De acordo com as experiências relatadas nas entrevistas, percebi o pensar da teoria relacionada à prática, pela oportunidade de conversar com professoras que seguiram estudando, buscando base em outras áreas e, principalmente, questionando sua formação, o entorno e sua atuação docente. Exaltaram a formação docente voltada para um fazer inventivo, valorizando a escola e buscando brechas para viver o que acreditam. Vivências que propagam a potência da diferença na escola, que propõem relações de troca e aprendizado com estudantes.

Todas as reflexões surgidas nesse trabalho me despertam para continuar a pesquisa, a escolha pela entrevista com professoras me fez perceber o tanto de conhecimentos que se encontra nas escolas e como quero estar próxima delas. A ideia de um estudo de caso mais aprofundado vejo como essencial para continuar o caminho da pesquisa. Conhecer o lugar, estudantes envolvidos nas propostas, as famílias, professores e professoras de outras áreas, que a partir de um projeto de artes relacionam seus conteúdos criando propostas interdisciplinares, gestão escolar, funcionárias e funcionários da escola, perceber essa comunidade como um todo que constrói de fato o ensinar. E buscar criar espaços para que mais pessoas escutem e percebam essa vivacidade.

Chama atenção o pequeno grupo que entrevistei ter formação continuada e essa formação ter passado em algum

momento pela Faculdade de Educação da UFRGS, isso poderia estar ligada à visão delas da escola? Quatro das seis entrevistadas tiveram e têm a mesma orientadora que foi descrita como alguém que acredita e busca a potência da escola.

Uma reflexão que surge disso é que, considerando professores e professoras que eu tive o privilégio de ter aula no final do curso, a Licenciatura em Artes Visuais poderia estar preparando estudantes para educação inclusiva pela arte contemporânea, pelo entendimento das diferenças e das singularidades, pelo processo do pensar artístico contemporâneo. Este se tornou outro ponto de interesse para pesquisar sobre: como tem se transformado a formação docente?

A metodologia de trabalho em sala de aula foi outro ponto trazido pelas professoras em diferentes respostas, o pensar a atuação docente relacionada com a pesquisa, com a experimentação em conjunto com a turma. Buscar conhecer essas pessoas que estão envolvidas e seus contextos, criando conexões. Todas trazem as dificuldades do dia a dia, não diminuem os problemas existentes, mas, me chamou atenção, que sempre traziam esse *mas* para completar com as possibilidades que elas vêm criando.

Parcerias entre as docentes do Atendimento Educacional Especializado e da disciplina de Artes na escola mostram-se como potências a serem exploradas. E, também, entre direção,

supervisão, colegas docentes, funcionários, familiares e responsáveis. A criação de parcerias possui enorme capacidade de transformação. Complemento com a fala da Judith:

[...]eu trabalho muito por contágio não por enfrentamento direto, alguns enfrentamentos são necessários mas geralmente eu tento fazer com que a pessoa ela se abra, pense, vá chegando no assunto. (Judith)

A conclusão parece se encaminhar no sentido de pensar: esse mapa antiquado da educação está sendo seguido e imposto por quem? Pelas entrevistas percebo que ele não é mais interessante para as professoras que, no seu dia a dia, rompem suas barreiras. Embora não tenham todas as respostas e percebam os grandes desafios atuais e futuros para a construção de uma educação inclusiva, para todas as pessoas.

Então quando a gente fala em inclusão a gente fala para mais de deficiência a gente fala para o acolhimento da Diferença, né. O respeito disso e pensar como é que nós da educação vamos possibilitar o acesso do conhecimento. (Judith)

A escola quem faz são as pessoas, as pessoas são diferentes, a diferença faz a escola. Uma construção constante desse espaço e tempo movida pelas relações, através de dissensos, concessões e colaboração. Este ciclo está em combate direto com interesses externos à ela, com a falta de investimento, infraestrutura adequada, com interesses de moldar as próximas gerações.

A reverberação da relação da arte e da inclusão nas práticas relatadas mostram a potência dela. Uma atividade

proposta desencadeia outras, uma docente que se envolve, mostra que é possível para a comunidade escolar, contagiando o professorado e a gestão. Cada área provoca e transforma a outra, movimentando a escola. E como disse Shoko: “enfim, é um processo de vida, vida em movimento, né.”

Referências

ÁVILA, Alynni Luiza Ricco. Evasão escolar e pandemia: quanto pior, pior. **Jornal da Universidade - UFRGS**. 1 de abril de 2021. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/jornal/evasao-escolar-e-pandemia-quanto-pior-pior/>>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais**. Porto Alegre: Mediação, 2007. (p.11-27)

BRASIL. **Estatuto da Pessoa com Deficiência. Lei Brasileira de Inclusão**. Senado Federal. Brasília: 2016

CANCLINI, Nestor García. **Sociedade sem relato: antropologia e estética da iminência**. São Paulo: EDUSP, 2012. (p. 17-31 e p. 207-232)

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2006.

CRIP Camp: Revolução pela Inclusão. Diretores: James Lebrecht, Nicole Newnham / Produção: James Lebrecht, Nicole Newnham, Sara Bolder. EUA: Higher Ground, 2020.(1h 42min)Disponível em: Netflix. Acesso em: 18 de outubro de 2020.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. Editora Brasiliense, 2007.

KASTRUP, Virgínia. **APRENDIZAGEM, ARTE E INVENÇÃO**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722001000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 novembro de 2020.

LOPONTE, Luciana. **ARTE CONTEMPORÂNEA, INQUIETUDES E FORMAÇÃO ESTÉTICA PARA A DOCÊNCIA**. In. Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas [Recurso eletrônico] / Sheila Cabo Geraldo, Luiz

Cláudio da Costa (organizadores). - Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. ISSN 2175-8212

MANTOAN, Maria Teresa E. **Os sentidos da diferença.** Inc. Soc., Brasília, DF, v. 4 n. 2, p.103-104, jan./jun. 2011. Artigo submetido em 14/10/2011 e aceito em 26/10/2011.

_____. **Ensinando a turma toda.** In: Pátio: revista pedagógica. Porto Alegre, Ano V, n. 20, fev./abr. p. 18-23, 2002.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. Coleção: Experiência e Sentido. E-Book (p. 1-43).

MEC/SEESP **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva** Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007.

NOAL, Daniele. RODRIGUES, Elisandro. **ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E ATELIER PEDAGÓGICO (ENTRE DEFICIÊNCIA POTENCIAL E ARTE POTENCIAL).** In. Simpósio Nacional de Educação (9.:2016: Frederico Westphalen, RS)Anais [do] IX Simpósio Nacional de Educação : III Colóquio Internacional de Políticas Educacionais e Formação de Professores : políticas e processos de formação docente no território ibero-americano : construindo um futuro comum [recurso eletrônico] / Organização: Luci Mary Duso Pacheco, Ana Paula Noro Grabowski – – Frederico Westphalen : URI – Frederico Westph, 2016.

Nunes, Aline. **Sobre a pesquisa enquanto bricolagem, reflexões sobre o pesquisador como bricoleur** Revista Digital do LAV [Online], Volume 7 Número 2 (8 agosto 2014). Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/1983734815112>>. Acesso em: 31 de março de 2021.

RODRIGUES, Olga Maria Piazzentin Rolim. **Educação especial: história, etiologia, conceitos e legislação vigente** / Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues, Elisandra André Maranhão. In: Práticas em educação especial e inclusiva na área da deficiência

mental / Vera Lúcia Messias Fialho Capellini (org.). – Bauru: MEC/FC/SEE, 2008.(p.5-22)

SARTORETTO, Mara Lúcia. **Os Fundamentos da Educação Inclusiva**. 2011. Disponível em: <<https://www.assistiva.com.br/ei.html>>. Acesso em: 12 de novembro de 2020.

Sites:

Arissana Pataxó. Última atualização em outubro de 2016. PIPA, a janela para a arte contemporânea brasileira. Disponível em: <<https://www.premiopipa.com/pag/arissana-pataxo/>> Acessado em: 10/05/2021.

Brasil vê média móvel de mortes por Covid subir após 15 dias de queda; total passa de 435 mil vítimas. Por G1. Publicado em: 16/05/2021. Disponível: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/05/16/brasil-ve-media-movel-de-mortes-por-covid-subir-apos-15-dias-de-queda-total-passa-de-435-mil-vitimas.ghtml>> Acessado em: 16/05/2021.

DŌ: O Caminho de Shoko Kanazawa. Japan House. Disponível em: <<https://www.japanhousesp.com.br/exposicao/do-o-caminho-d-e-shoko-kanazawa/>> Acessado em: 10/05/2021.

Enciclopédia Itaú Cultural: **Rivane Neuenschwander**. Atualizado em 30/12/2019. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa19985/rivane-neuenschwander>> Acessado em: 10/05/2021.

ENTREVISTA CON... IGNÁCIO CALDERÓN ALMENDROS. **Ignacio Calderón** Almendros, 2019. Disponível em: <<http://www.ignaciocalderon.uma.es/index.php/entrevista-con-ignacio-calderon-almendros/>>. Acesso em: 17/12/2019

Espai Híbrid Arte y Pedagogia. Disponível em: <<http://www.espaihibrid.udl.cat/>> .Acesso em: 29/10/2020

Ignacio Calderón Almendros, 2019. Disponível em: <<http://www.ignaciocalderon.uma.es/>>. Acesso em: 17/12/2019

Lorenza Böttner: a potência de um corpo que perturba. Maria Céu Rocha e Luciana Gruppelli Loponte. Publicado em 5 de abril de 2019 Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/arteversa/?p=1928>> Acessado em: 10/05/2021.

Lygia Clark. Associação Cultural Lygia Clark. Disponível em: <<http://lygiaclark.org.br/pt>> Acessado em: 10/05/2021.

O que é capacitismo? Leandra Migotto Certeza em 14 de novembro de 2019. Revista AzMina. Disponível em: <<https://azmina.com.br/colunas/o-que-e-capacitismo/>>. Acesso em: 16/05/2021.

Regiões de Planejamento - PPDUA. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?ll=-30.054326603299895%2C-51.15670916146849&z=13&mid=1LaqTjU6VQH R9aq5e1XJFTf1GGrY>> Acessado em: 10/05/2021.

World Health Organization. World Health Organization. **WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 - 11 March 2020.** Disponível em: <<https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>> Acessado em: 16/05/2021.

Vídeos:

Da Invisibilidade à Cidadania: Os Caminhos Da Pessoa Com Deficiência - Documentário da TV Cultura disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=Ye0MQmZJS_s&ab_channel=SisleyAlves>. Assistido em 28 de outubro de 2020.

História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil <<https://www.youtube.com/watch?v=yv1dnuGgn2k>>

Programa Especial. Fernanda Honorato entrevista a escritora Fernanda Machado, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jPjsV3IUHwY&ab_channel=ProgramaEspecial>. Acesso em: 22 de novembro de 2020.

Anexo I

Levantamento teórico a partir da busca de estudos que tenham trazido a relação de arte e inclusão.

Artes visuais e a educação especial [recurso eletrônico] / Vivien Kelling Cardonetti, Cristian Poletti Mossi, Francieli Regina Garlet, Marilda Oliveira de Oliveira – 1. ed. – Santa Maria, RS : UFSM, NTE, 2018.

KASTRUP, Virgínia. **O lado de dentro da experiência: atenção a si mesmo e produção de subjetividade numa oficina de cerâmica para pessoas com deficiência visual adquirida.** *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 28, n. 1, p. 186-199, mar. 2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000100014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 out. 2020.

MICHELI, Samira G. **ESTRANHOS OLHARES: REFLEXÕES SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR E O ENSINO DE ARTES.** Trabalho de Conclusão de Curso - UFRGS, Porto Alegre, 2015.

ALIBINO, Helena Campos. **Inventário sobre o Encantamento: Mundos Narrados do Lado de Dentro.** Trabalho de Conclusão de Curso - UFRGS, Porto Alegre, 2015.

SUKSTER, Débora S. **Estudo da Disciplina de Artes na Escola Inclusiva.** Trabalho de Conclusão de Curso - UFRGS, Porto Alegre, 2018.

COLLARES, Fernanda Brum. **UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA PELA VIA DA EXPERIÊNCIA (E ENUNCIADOS ESCOLARES ACERCA DA DIFERENÇA DOS CORPOS).** Trabalho de Conclusão de Curso - UFRGS, Porto Alegre, 2015.

SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da; SCHAMBECK, Regina Finck. **PROFESSORES DE ARTE EM CONTEXTO INCLUSIVO: INTERVENÇÕES ESTÉTICAS PARA A MUDANÇA DE PRÁTICAS CURRICULARES.** e-Mosaicos, [S.l.], v. 5, n. 9, p. 27 - 40, jul. 2016. ISSN 2316-9303. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/24817>>. Acesso em: 13 nov. 2020. doi:<https://doi.org/10.12957/e-mosaicos.2016.24817>.

AGUENA, Patricia Nogueira e NERES, Celi Corrêa. **Educação especial e o ensino de arte: mapeando produções.** v. 13 n. 3 (2017): Revista Educação, Artes e Inclusão. Disponível em:<https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/9830>. Acesso em: 22 de novembro de 2020.

Curso de Educação Especial - Licenciatura (a distância) Artes visuais e educação especial. Núcleo de Tecnologia Educacional: UFSM, 2018. Disponível em: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/01/MD_Artes-visuais-e-a-Educa%C3%A7%C3%A3o-Especial.pdf. Acessado em: 5 de abril de 2021.

REVISTA **Educação, Artes e Inclusão.** UDESC, Editora Geral Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva.

Anexo II

Questões base para a conversa:

Dados da professora, formação e local de trabalho.

1. Como se dá o processo de inclusão de sua escola?
2. A disciplina de artes possibilita outras relações entre estudantes? Vê importância das artes no processo de inclusão da escola?
3. Como a arte contemporânea poderia contribuir para a educação inclusiva?
4. Tem alguma experiência para exemplificar essa importância?
5. O processo de inclusão contribui com a arte na escola? Estimula a produção e experiências artísticas?
6. Como a educação inclusiva poderia contribuir para a arte?
7. Você teve alguma experiência em que uniu arte e inclusão? Como foi?
8. Conhece trabalhos artísticos que trazem o tema da inclusão de alguma forma? Que provoquem reflexões sobre a relação com o outro?
9. O que é diferença para você? E qual o papel dela na escola?
10. O que vem à mente quando se depara com o termo escola contemporânea?

Acrescentou-se questões incentivando reflexões e aprofundamento dos relatos, além de perguntas para explicação de algum ponto não compreendido.